

Marlon Teodoro Silva

**AS ATIVIDADES DE AVENTURA E OS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NESSE
CAMPO, SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO
SUPERIOR E DOS GESTORES DAS EMPRESAS DO SETOR EM BELO
HORIZONTE**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2020

Marlon Teodoro Silva

**AS ATIVIDADES DE AVENTURA E OS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NESSE
CAMPO, SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO
SUPERIOR E DOS GESTORES DAS EMPRESAS DO SETOR EM BELO
HORIZONTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Ana Cláudia Porfírio Couto.

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2020

S586a Silva, Marlon Teodoro
2020 As atividades de aventura e os profissionais que atuam nesse campo, sob a ótica dos professores das instituições de ensino superior e dos gestores das empresas do setor em Belo Horizonte. [manuscrito] / Marlon Teodoro Silva – 2020.
105 f., enc.: il.

Orientadora: Ana Cláudia Porfírio Couto

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 90-95

1. Lazer e educação – Teses. 2. Educação física – ensino e pesquisa – Teses. 3. Trabalho – Teses. I. Couto, Ana Cláudia Porfírio. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 796.015

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: nº 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



ATA DA 156ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO

MARLON TEODORO SILVA

Às 15h00min do dia 17 de julho de 2020 reuniu-se de forma virtual (via videoconferência pela plataforma "google meet") a Comissão Examinadora de dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho *"AS ATIVIDADES DE AVENTURA E OS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NESSE CAMPO, SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E DOS GESTORES DAS EMPRESAS DO SETOR EM BELO HORIZONTE"*, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:


Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Profa. Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto (Orientadora)	X	
Prof. Dr. Daniel Barbosa Coelho (UFOP)	X	
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (UFMG)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: **Aprovado**

O resultado final foi comunicado publicamente, para o candidato pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 17 de julho de 2020.

Profa. Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto 

Prof. Dr. Daniel Barbosa Coelho 

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva 

AGRADECIMENTOS

Gratidão. Essa palavra representa o meu sentimento em relação a todas as pessoas que participaram da construção deste trabalho.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter financiado parte dessa pesquisa, através de uma bolsa de estudos. Considero-me privilegiado por usufruir desse direito que ainda existe em nosso país. Principalmente nesse momento histórico, em que as instituições de ensino públicas lutam para minimizar os impactos causados pelos cortes e reduções de aporte financeiro por parte do governo central.

Agradeço ao povo brasileiro, por ter financiado, indiretamente, a minha trajetória de formação durante essa pesquisa.

Agradeço a todas as pessoas que aceitaram participar das entrevistas, contribuindo, assim, para o avanço da ciência e da pesquisa em nosso país. Pessoas essas que, por questões éticas, não posso citar os nomes, mas merecem meu total reconhecimento.

Agradeço aos trabalhadores da UFMG, que deram manutenção, fizeram alimentos, limparam, vigiaram e cuidaram da universidade para que eu e tantos outros estudantes pudéssemos exercer o nosso ofício.

Agradeço aos professores colaboradores do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer que, no exercício docente, desempenharam um papel fundamental para minha formação dentro e fora da sala de aula.

Agradeço ao Danilo, pela maneira justa, descontraída e eficiente de lidar com minhas dúvidas, solucionando diversos problemas que tive durante a pesquisa. Sua competência vai além do desempenho das atividades técnicas e burocráticas do cotidiano na secretaria, pois ele demonstra amar seu trabalho e o faz com muito zelo.

Agradeço ao Grupo de Estudos em Sociologia e Pedagogia do Esporte e do Lazer (GESPEL). Cerca de trinta pessoas alegres, competentes e estudiosas, que

contribuíram não só para a elaboração deste trabalho, mas também para o meu amadurecimento intelectual e acadêmico.

Agradeço à Professora Ana Cláudia. Quando ela aceitou o desafio de me orientar, fiquei muito feliz. Ao longo desses últimos anos, tive a oportunidade de conhecê-la melhor e, por esse motivo, ousou fazer uma analogia, comparando-a a uma artista que pegou uma pedra bruta para lapidar. Apesar de toda minha dureza e imaturidade no ambiente acadêmico, ela me conduziu com total maestria, fazendo com que eu me sentisse seguro, confiante e capaz. Por esses e tantos outros motivos, fica difícil encontrar adjetivos positivos que poderiam defini-la. Apesar de não conseguir construir um texto que expresse o quão grato sou a ela, escolhi duas palavras que resumem as características marcantes dessa pessoa tão sensacional: Mulher e Professora.

Agradeço ao Professor *Big Red*, por ter me apresentado novas possibilidades de crescimento pessoal e profissional, por meio do retorno à academia. Ele é a pessoa que, além de ter me estimulado a iniciar uma carreira acadêmica, continua sendo o principal incentivador nessa jornada.

Agradeço aos Professores Daniel e Sílvio, por confiarem em minha atuação profissional no âmbito das Atividades de Aventura e aceitarem o convite para contribuir com este estudo.

RESUMO

O presente estudo surge com a pretensão de entender o que professores de instituições de ensino superior e gestores dizem sobre aproximações e distanciamentos entre os processos de formação e a atuação profissional, no âmbito das Atividades de Aventura em Belo Horizonte. Para isso, caminhamos no sentido de investigar percepções e entendimentos acerca do que seria um perfil profissional valorizado pelos gestores, bem como o que tem sido feito pelos professores de instituições de ensino superior no intuito de influenciar na inserção do profissional de Educação Física nesse mercado. O direcionamento metodológico do estudo se deu por meio da abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica, o diário de pesquisa, a entrevista semiestruturada e a análise de conteúdo foram as ferramentas utilizadas para responder às questões deste estudo. Concluímos que, em se tratando dos professores das instituições de ensino superior, as vivências pregressas com Atividades de Aventura e o entendimento de que essas atividades são possibilidades de atuação são fatores determinantes para influenciar a inserção do profissional de Educação Física nesse mercado. Além disso, utilizar as Atividades de Aventura como subterfúgio para trazer à tona discussões em prol do meio ambiente foi uma realidade observada em todas as falas dos professores e, por esse motivo, os objetivos do desenvolvimento sustentável ganharam destaque neste estudo. Em se tratando da opinião dos gestores que atuam no mercado das Atividades de Aventura, o perfil profissional valorizado se resume em competências que atendam, em certa medida, demandas de mercado de trabalho, como domínio técnico da área, proatividade e atendimento ao público.

Palavras-chave: Aventura. Educação Física. Formação e atuação.

ABSTRACT

The present study arises with the intention of understanding what teachers from higher education institutions and managers say about approaches and distances between training processes and professional performance within the scope of Adventure Activities in Belo Horizonte. For this, we move towards investigating perceptions and understandings about what would be a professional profile valued by managers as well as what has been done by teachers in order to influence the insertion of Physical Education professionals in this market. The work was directed through the qualitative approach. Bibliographic research, research diary, semi-structured interview and content analysis were the tools used to answer the questions in this study. We conclude that, in the case of teachers from higher education institutions, previous experiences with adventure activities and the understanding that these activities are possibilities of performance are, above all, determining factors to influence the insertion of Physical Education professionals in this market. Using Adventure Activities as a subterfuge to bring up discussions on behalf of the environment was a reality observed in all the speeches of teachers and, for this reason, the objectives of sustainable development were highlighted in this study. When it comes to the opinion of managers who work in the adventure activities market, the valued professional profile is summarized in skills that meet, to a certain extent, demands of the labor market, such as: technical mastery of the area, proactivity and public service.

Keywords: Adventure. Physical Education. Formation and job.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFANS	Atividades Físicas de Aventura na Natureza
AFES	Atividades Físicas e Esportivas
BH	Belo Horizonte
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COI	Comitê Olímpico Internacional
CREA	Conselho Regional de Engenharia
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Biodiversidade
IES	Instituição de Ensino Superior
MRN	Mineração Rio do Norte
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto interno bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
WTTC	<i>World Travel & Tourism Council</i>

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - População de Belo Horizonte	37
Figura 2 - Salário médio mensal dos trabalhadores formais de Belo Horizonte	37
Figura 3 - Belo Horizonte e regiões próximas.....	39
Figura 4 - Eu amo BH radicalmente	40
Figura 5 - Variações da logomarca Eu amo BH radicalmente	40
Figura 6 - Os cinco eixos da Agenda 2030.....	66
Quadro 1 - Espaços onde as Atividades de Aventura acontecem.....	69
Quadro 2 - Cursos de Educação Física em Belo Horizonte	70

SUMÁRIO

1 MAPEANDO A TRILHA.....	11
1.1 A minha travessia.....	11
1.2 Norteando o caminho.....	18
1.3 O nosso guia.....	21
1.3.1 Pesquisa bibliográfica.....	22
1.3.2 Diário de pesquisa.....	23
1.3.3 Entrevista semiestruturada.....	24
1.3.4 Análise de conteúdo.....	27
2 BELO HORIZONTE A CAPITAL DOS ESPORTES RADICAIS.....	30
2.1 Os vários nomes das Atividades de Aventura.....	30
2.2 Eu amo BH radicalmente.....	36
2.2.1 Parque das Mangabeiras.....	43
2.2.2 Parque Municipal Américo Renné Giannetti.....	43
2.2.3 Parque Municipal Mata das Borboletas.....	43
2.2.4 Parque Ecológico Promotor Francisco Lins do Rego.....	44
2.2.5 Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado.....	44
2.2.6 Escalada.....	44
2.2.7 <i>Parkour</i>	45
2.2.8 Mergulho.....	45
2.2.9 <i>Trekking</i> de regularidade.....	46
3 A SINTONIA ENTRE NÓS E O MEIO AMBIENTE.....	47
3.1 Entre as Atividades de Aventura, o lazer e o mercado.....	47
3.2 A minha casa é onde você mora.....	58
4 CONVERSA EM VOLTA DA FOGUEIRA.....	69
4.1 Lugares onde fomos.....	69
4.2 Categoria 1 - Trajetória de Formação dos Professores e Gestores.....	73
4.3 Categoria 2 - Mercado, Formação e Atuação.....	77
4.4 Categoria 3 - Lazer e Meio ambiente.....	81
5 CONCLUSÃO.....	85
REFERÊNCIAS.....	90
APÊNDICES.....	96
ANEXOS.....	98

1 MAPEANDO A TRILHA

Nesse primeiro momento, peço licença para escrever à minha maneira, sugerindo utilizar, assim, uma proposta narrativa que beira a informalidade. Caso pudesse resumir a minha existência em uma palavra, ela seria aventura. Em se tratando desse estudo, eu diria que os caminhos para os quais escolhi direcioná-lo comparam-se às trilhas sinuosas que cortam as serras e morros de Minas Gerais. Sendo assim, espero que você compreenda minhas sutilezas analógicas e aceite esse convite para conhecer esse trabalho que versa sobre Atividades de Aventura.

Nesse primeiro capítulo, inicio a jornada escrevendo um pouco sobre a minha história, dizendo como cheguei até aqui. Acredito ser importante mostrar de onde venho, para que você entenda porque decidi estudar essa temática. Num segundo momento, trago o problema de pesquisa, as questões norteadoras, os objetivos e a justificativa que motivou minha decisão de construir esse estudo. Por fim, descrevo os caminhos metodológicos que auxiliaram a condução de toda a trajetória.

1.1 A minha travessia

As Atividades de Aventura chamaram minha atenção quando eu era adolescente. O contato com ambientes silvestres foi percebido como uma paixão, que surgiu para alegrar e dar sentido à minha vida. A escalada, o *mountain bike*, o *trekking*, a corrida de aventura e o paraquedismo são alguns exemplos de práticas que transformaram essa minha paixão inicial em amor genuíno pela aventura. Lembro que, tanto na infância como na juventude, me reconhecia como uma pessoa tímida e frágil. Entretanto, após vivenciar as Atividades de Aventura, dei meus primeiros passos para a autoconfiança. A coragem começou a fazer parte do meu repertório e, assim, começou a minha busca pela aventura¹ que, ao longo dos anos, culminou na construção da minha principal característica identitária: aventureiro.

¹ Entendida como uma experiência subjetiva da busca de emoções frente ao inusitado (PIMENTEL, 2006). Do latim, *ad venture* significa “o que está por vir”.

Tive o privilégio de acampar no Alto Caparaó² e essa aventura foi a minha primeira vivência com atividades dessa natureza. Fazia muito frio, mas as paisagens do Pico da Bandeira³, os amigos que me acompanhavam e as experiências vividas naquele ambiente deixaram lembranças tão singulares que não consigo encontrar palavras que as definam. Apesar de ter sido prematuro tirar conclusões decisivas, naquele momento, sentia que a aventura não poderia compor somente os meus momentos de lazer, pois eu queria mais. Por esse motivo, comecei a vislumbrar possibilidades de trabalho que, dentro daquele contexto, pudessem garantir a minha autonomia financeira.

Abro um pequeno parênteses para dizer que, naquela época, eu trabalhava em um órgão público e estava infeliz com a minha profissão. A monotonia, a rotina e a insatisfação profissional eram minhas companheiras naquele contexto laboral, em que eu assumia a condição de assistente administrativo no Conselho Regional de Engenharia (CREA). Ficar dentro de um escritório era uma obrigação exaustiva e, após vivenciar aventuras em ambientes silvestres, essa condição laboral ficou ainda mais insustentável. Cheguei à conclusão de que a minha vida não poderia seguir naquela direção e comecei a utilizar meu tempo livre para investir profissionalmente no âmbito das Atividades de Aventura. Ao mesmo tempo em que almejava uma mudança de carreira, o medo de encarar essa possível transformação me impedia de seguir em frente. Isso porque a relativa estabilidade de ter um emprego público provocava uma efêmera sensação de segurança.

Pelo fato de não ter condições financeiras para abandonar o emprego e mergulhar de cabeça no universo das aventuras, iniciei de maneira tímida o meu caminho, por meio de um curso de rapel e, em seguida, senti a necessidade de fazer outro, sobre escalada. Esses primeiros movimentos me motivaram a procurar outros assuntos, como sobrevivencialismo, salvamento aquático, acampamentos, dentre outros. Além de buscar cursos e capacitações, procurei vivenciar o máximo de experiências possíveis, dentro do contexto de aventura. Hoje, vejo que, quando comecei a

² É um município brasileiro do estado de Minas Gerais. Sua população, segundo o Censo realizado pelo IBGE em 2010, é de 5.297 habitantes. Ocupa uma área de 104,571 km², situando-se a 997 metros de altitude. Disponível em: < <https://www.altocaparao.mg.gov.br/>>. Acesso: 04 fev. 2019.

³ É o ponto mais alto dos estados do Espírito Santo e de Minas Gerais e também de toda a região Sudeste do Brasil. É o terceiro ponto mais alto do país, com 2891,32 metros de altitude. Disponível em: <https://www.altocaparao.mg.gov.br/>. Acesso em: 04 fev. 2019.

caminhar nesse sentido, fui me condicionando a criar coragem para sair do escritório e arriscar uma vida de emoção em outro contexto de trabalho.

Também preciso destacar que, paralelo a isso, estive envolvido com artes marciais, pois as minhas primeiras experiências esportivas foram com judô e kung fu. Além das lutas, sempre gostei de atividades como esportes, treinamentos, danças, dentre outras. Apesar de, naquele período, entender que essas práticas possuíam ligação direta com a Educação Física, jamais passava pela minha mente entrar em uma universidade, já que o meu contexto social não favorecia os estudos. Entretanto, não sei precisar como e quando surgiu o sonho de ser professor de Educação Física.

A minha história não é diferente daquele brasileiro pobre que teve uma trajetória escolar bastante fragilizada dentro do ensino público. Por esse motivo, ter acesso a uma universidade pública, principalmente em um período onde não existia qualquer alternativa social que viabilizasse o acesso ao ensino superior, seria uma tarefa quase impossível. Felizmente, o tamanho do meu sonho foi maior que o desafio que me propus a fazer quando decidi estudar na UFMG. Foi um desafio e tanto, mas hoje sinto que os seis anos de estudos ininterruptos em cursinhos preparatórios valeram a pena. Demorei mais tempo para entrar na universidade do que para concluir o curso de Educação Física. Afirmo que conseguir estudar em uma universidade pública foi a maior conquista da minha vida, pois, a partir daí, construí uma maturidade intelectual que resultou numa mudança radical nos meus objetivos futuros.

Após entrar no curso e conhecer as infinitas oportunidades dentro da universidade, fui seduzido por vários caminhos e decidi colocar, temporariamente, as minhas ideias de trabalhar com Atividades de Aventura no fundo da gaveta. No início do curso, caminhei no sentido de atuar com Educação Física escolar e dar aulas de judô. No segundo período, li todas as ementas das disciplinas optativas, tanto do meu curso quanto das outras unidades. Quando vi uma disciplina com foco nos esportes de aventura, fiquei muito entusiasmado e decidi fazê-la.

Conheci, então, o professor Túlio Max Ferreira Leite. Ele foi o primeiro responsável por me apresentar possibilidades concretas de atuação profissional no âmbito das Atividades de Aventura. A partir daí, virei monitor da disciplina chamada Esportes de

Aventura na Natureza. Naquela ocasião, trabalhei junto com o professor dentro e fora da universidade.

Outra pessoa fundamental no meu processo de formação foi a professora Kátia Lúcia Moreira Lemos. A partir de um diálogo sobre as possibilidades do desenvolvimento do *parkour* dentro da faculdade de Educação Física, ela responsabilizou-se por um projeto de extensão com foco na divulgação e na prática dessa atividade⁴.

Também vale a pena destacar a influência direta promovida pelo professor Tarcísio Mauro Vago (Tatá), para o qual tive o privilégio de dar aulas particulares, tanto para ele quanto para seu filho, sobre o tema acampamento. Quando fui contratado por ele para ministrar esse conteúdo, pensei sem modéstia: “se eu fui convidado pelo Tatá para ministrar esse conteúdo, eu devo ser bom nisso”.

Por diversas vezes, fui convidado pelo professor Luiz Nicácio para ministrar o conteúdo *parkour*, além de organizar acampamentos e caminhadas ecológicas para os alunos da escola Neusa Rocha. Esse tipo de trabalho, como *free lancer*, foi se transformando em rotina durante minha vida acadêmica e, além de me ajudar financeiramente, era o início da minha formação com foco na prática de Atividades de Aventura, fora do contexto da universidade.

Promover a prática de rapel com os alunos de graduação na caixa d'água da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional e ocupar esse espaço, trazendo a comunidade externa para praticar *parkour*, consiste em um dos exemplos de momentos importantes para a minha formação. Serei eternamente grato a esses professores por confiarem em meu trabalho, mesmo sabendo que o risco de morte ou acidente era iminente.

A minha experiência como professor no Centro Pedagógico, atuando com *parkour* e técnicas verticais no âmbito escolar, sob o apoio e coordenação do professor Túlio Campos, também representou um marco importante na minha formação. Ao

⁴ Desenvolvido como um método de treinamento que permite ao indivíduo ultrapassar, de forma rápida, eficiente e segura quaisquer obstáculos, utilizando somente as habilidades e capacidades do corpo humano.

trabalhar no Projeto Segundo Tempo⁵, tive a oportunidade de desenvolver vários conteúdos associados à aventura no contexto escolar. Quando vi os alunos, ao final do semestre, executarem todos os procedimentos para a descida de rapel, sob a minha supervisão, porém sem que eu os ajudasse, fiquei bastante emocionado. Esse exemplo é apenas uma das várias experiências que marcaram a minha vivência com aventura no contexto escolar.

Partindo para uma realidade fora da universidade, após me formar, em 2010, recebi uma proposta de trabalho que me colocou diante da possibilidade de mudar para o extremo oeste do Pará, numa cidadezinha localizada no coração da Floresta Amazônica. Aceitei o desafio e fui morar numa vila geograficamente isolada pelos acessos terrestres⁶, pois não havia nenhuma estrada que conectasse aquele lugar a outro canto. Situada dentro de uma floresta nacional⁷, a mineradora Rio do Norte⁸ desenvolve suas atividades e mantém uma comunidade⁹ com aproximadamente sete mil habitantes. Naquela ocasião, fui contratado, inicialmente, para ministrar aulas de judô e participar de um projeto com foco na qualidade de vida dos funcionários, incluindo seus respectivos parentes.

Após alguns meses de trabalho, consegui ser promovido e assumi a coordenação de dois programas de saúde: um com foco no bem-estar dos trabalhadores da empresa e outro para atender a comunidade local e os ribeirinhos¹⁰ que viviam próximos da

⁵ O Segundo Tempo tem por objetivo democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte, de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social. Disponível em: <http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/>. Acesso: 01 jan. 2019.

⁶ Só após viver naquele contexto, pude entender que os rios também são considerados estradas.

⁷ No Brasil, também chamada de Flona, é uma das categorias de áreas protegidas para uso sustentável estabelecidas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). As florestas nacionais são áreas de posse e domínio públicos, providas de cobertura florestal predominantemente nativa. Elas têm como objetivos a promoção do uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica básica e aplicada em métodos para exploração sustentável de florestas nativas. Disponível em: <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/29215-o-que-e-uma-floresta-nacional/>. Acesso: 23 jan. 2019.

⁸ A Mineração Rio do Norte (MRN) é a maior produtora brasileira de bauxita, matéria prima do alumínio. Uma empresa constituída por uma associação de empresas nacionais e estrangeiras que, desde 1979, opera em plena Amazônia, no oeste do estado do Pará. Disponível em: <http://www.mrn.com.br/paginas/pt/>. Acesso: 06 mar. 2019.

⁹ Porto Trombetas é um distrito brasileiro, no estado do Pará, pertencente ao município de Oriximiná. É a segunda mais importante aglomeração urbana do município de Oriximiná, composta de, aproximadamente, sete mil habitantes. Toda a estrutura habitacional para os trabalhadores das Minas do Saracá V, Saracá W e Bela Cruz está neste distrito. Disponível em: <http://www.mrn.com.br/paginas/pt/>. Acesso: 01 jan. 2019.

¹⁰ Pessoas que vivem em pequenas vilas próximas aos rios.

região. Viver naquele contexto foi uma experiência bastante enriquecedora, pois a realidade de isolamento territorial e a restrição de recursos com os quais eu estava acostumado fizeram com que eu amadurecesse tanto na dimensão profissional, quanto social. Ter tido uma excelente equipe de trabalho e ter convivido com uma população extremamente acolhedora facilitaram a condução do meu trabalho, naquele período. A vila Porto Trombetas é um local que marcou a minha história, pois, além dela ter sido o lugar onde conquistei a minha independência financeira, tive a oportunidade de viver em um Brasil diferente de tudo que eu já conhecia. Lembro-me de quando meus amigos belorizontinos me diziam, por meio de conversas ao telefone, que eu vivia no meio do nada e eu respondia, poeticamente, que estava “no meio do tudo”.

Quando se fala sobre os tesouros existentes na Amazônia, muitos levam em consideração somente os recursos minerais, a fauna e a flora. Ao fazer parte daquele contexto, pude perceber que a maior riqueza presente na selva são as pessoas que moram lá. Pessoas essas que sentiam prazer em compartilhar saberes associados ao contexto silvestre e à cultura regional. Aprendi muito e pude perceber, na prática, como estabelecer relações entre minhas experiências, minha formação acadêmica e o contexto social daquele pedacinho do Pará.

Após quatro anos trabalhando na selva, tive a sensação de dever cumprido e surgiu o desejo de vivenciar novos desafios. Novamente, o desejo pela aventura começou a me induzir a sair de uma relativa zona de conforto e explorar algo novo, mas, dessa vez, eu queria ir mais longe. Após viajar por um período, em um ano sabático, pesquisei a cultura, os costumes, os climas e as possibilidades de lazer em diversos países de língua inglesa, até decidir me mudar para a Nova Zelândia.

A escolha desse país da Oceania não foi pautada somente no meu desejo de explorar o desconhecido, mas também de conhecer um dos principais países onde os esportes de aventura, as paisagens naturais e os cuidados com o meio ambiente destacam-se no cenário mundial. Naquela ocasião, a minha expectativa era, além de atingir um nível satisfatório na compreensão da língua inglesa, vivenciar diversas práticas de aventura como *bungy jump*¹¹, *downhill*¹², *swing*¹³, *rafting*¹⁴, escalada,

¹¹ Salto no vazio praticado a partir de lugares altos, como uma ponte, por exemplo, com o saltador amarrado pelos pés, numa corda elástica que o impede de se chocar contra o chão.

dentre outros. Hoje, sinto alegria em compartilhar que, além de ter concluído essas metas, trabalhei como voluntário em um time regional de *rugby* adaptado para cadeirantes. Nessa oportunidade inesperada, fui convidado para ser auxiliar técnico desse time, na cidade de Auckland, e isso me proporcionou viagens patrocinadas por diversos lugares naquele país.

Após um longo período de aventuras, tentar me alistar na Legião Estrangeira¹⁵, buscar experimentações e vivências, tanto na Oceania quanto em outros países na Europa, comecei a sentir uma necessidade imensa de voltar para casa. Saudade... Uma palavra difícil de ser explicada em outros idiomas, já que ela é uma joia rara pertencente à língua portuguesa. Junto desse sentimento, veio uma necessidade de voltar para a universidade e, além disso, a meta de montar o meu próprio negócio. O protagonista do filme Patch Adams disse que “a vida é uma eterna volta ao lar”. Apesar de ter ouvido essa frase quando era mais jovem, só após viver essas experiências longe de casa encontrei algum sentido nela.

A minha entrada no programa de pós-graduação se deu, sobretudo, em função das minhas limitações em relação ao campo teórico do lazer e do desejo de estudar práticas que faziam parte do meu cotidiano. Lembro-me de que, ao elaborar um projeto de lazer para a empresa em que trabalhei no Pará, deparei-me com desafios aparentemente insolucionáveis, do ponto de vista teórico. Em rápidas conversas com amigos que estudam o campo do lazer, obtive várias sugestões para resolver os problemas. Quando refleti sobre minhas limitações teóricas no campo do lazer, decidi buscar conhecimento na academia. Vale a pena ressaltar que não tive a intenção pragmática de aprimorar somente a minha qualificação profissional em prol do trabalho, mas de ampliar o meu universo cultural, no sentido de melhorar a minha contribuição social dentro do contexto que me cerca.

Atualmente, vivo um momento de plenitude e satisfação pessoal imensurável. Isso porque, além de ter orgulho em voltar para a UFMG, estou envolvido em projetos de

¹² É uma forma do ciclismo que consiste em descer o mais rápido possível um dado percurso.

¹³ É uma espécie de gangorra gigante. Normalmente construída em canions ou pontes altas.

¹⁴ É prática de descida em corredeiras, utilizando botes infláveis e equipamentos de segurança.

¹⁵ Uma legião estrangeira é um destacamento militar criado por um país e formado por voluntários estrangeiros. Uma vez que os seus membros estão permanentemente em serviço, não seguem a mesma estrutura de um regimento padrão. Disponível em: <https://pt.legion-recrute.com/>. Acesso: 01 jan. 2019.

trabalho que me permitem colocar em prática muito do que tenho estudado ao longo dos últimos anos. Nessa jornada, ao tentar entender como se deu o meu processo de formação, dentro e fora da academia, deparei-me com uma série de questões que ainda são incógnitas. Por esse motivo, compreender como acontece a formação e a atuação profissional no âmbito das Atividades de Aventura é um dilema que, de agora em diante, marcará as discussões propostas ao longo desse estudo.

1.2 Norteando o caminho

Há quem busque prazer em espaços como cachoeiras, serras, morros, hotéis fazenda, parques florestais, dentre outros, com objetivos diversos, muitas vezes no intuito de desfrutar do tempo disponível para o lazer. Enquanto alguns podem ser atraídos pela paz e sossego que esses locais proporcionam, outros buscam emoção, por meio das Atividades de Aventura. Ao longo desse estudo, apresentaremos alguns dados que apontam o crescimento do número de adeptos que se dispõem a praticar esses tipos de atividades. Veremos, ainda, que não se sabe ao certo o que pode ter gerado essa possível crescente nos últimos anos. Sabemos que, em redes sociais como *Instagram* e *Facebook*, podemos observar fotografias, imagens, vídeos e postagens que remetem à conexão de pessoas com os ambientes silvestres. Em se tratando dos meios de comunicação televisivos, é possível encontrar diversos programas e canais que trazem as Atividades de Aventura como tema principal. Essa mesma tendência pode ser observada dentro do contexto audiovisual, por meio de *websites* como *YouTube*, *Vimeo* e *Vevo*. A popularidade que as Atividades de Aventura vêm alcançando, desde o início dos anos dois mil, tem trazido reflexões para o campo do lazer, sobretudo quando consideramos a relação entre o espaço urbano e o retorno à natureza.

O interesse por temas relativos ao “retorno à natureza” é uma necessidade do mundo contemporâneo. Desejo que vem se traduzindo em algumas buscas como, por exemplo, a obsessão pela proteção da natureza, a valorização e a tentativa de salvaguarda dos saberes de comunidades tradicionais, a tentativa quase literal de reencontrar a natureza por meio do lazer na natureza (SERRANO; BRUHNS, 2007, p. 11).

Neste estudo, daremos destaque para algumas questões que estão associadas ao crescente número de pessoas que vêm buscando, em seus momentos de lazer,

emoções por meio de atividades como a caminhada em ambientes silvestres, a escalada, o acampamento, a trilha de bicicleta, dentre outras práticas de aventura. Para isso, destacaremos algumas implicações que esse fenômeno gera, tendo em vista tanto os processos de formação que acontecem na esfera do ensino superior, quanto os processos de atuação que acontecem na dimensão do mercado de trabalho.

Uma pesquisa realizada pelo extinto¹⁶ Ministério do Esporte revelou que, nos últimos anos, houve um aumento expressivo do número de brasileiros envolvidos, de maneira direta e indireta, com as Atividades de Aventura (BRASIL, 2017a). Caminhando no sentido de justificar a presente pesquisa, também observamos que esse tema tem ganhado notoriedade não só nas rodas de conversas informais, mas em diversos espaços dentro das universidades, gerando, assim, grupos de estudos, eventos, palestras, seminários, dentre outras manifestações. Essa pesquisa realizada pelo governo federal ainda afirma que cresce o número de oportunidades de trabalho não só para quem se forma em Educação Física, mas também para profissionais de outras áreas. Por esse motivo, a busca pela qualificação no âmbito das Atividades de Aventura tem sido uma realidade cada vez mais presente no cotidiano daqueles que querem atuar com competência nesse ramo.

Ao conversar com gestores que trabalham com aventura, conforme será detalhado no capítulo quatro, observamos que uma reclamação recorrente é a dificuldade para encontrar mão de obra qualificada, com competência para atender à demanda exigida pelo mercado. Apesar das Atividades de Aventura serem, nesse estudo, concebidas como um mercado emergente, entendemos que essa percepção não pode servir como única prerrogativa para justificar a dificuldade de encontrar profissionais qualificados. Uma discussão coerente sobre esse tema exige que outras variáveis, as quais serão abordadas nos capítulos três e quatro, sejam levadas em consideração.

Influenciados pelas falas dos gestores e professores das Instituições de Ensino Superior (IES) que trabalham com Atividades de Aventura chegamos ao problema desta pesquisa: que participação esses professores e gestores exercem na inserção

¹⁶ Em janeiro de 2019, com o início do novo governo, o Ministério do Esporte foi extinto e foi criada a Secretaria Especial do Esporte, integrante da pasta do novo Ministério da Cidadania.

dos profissionais de Educação Física no mercado das Atividades de Aventura? Para ajudar a discutir esse problema, acrescentamos duas questões que direcionaram os caminhos pelos quais conduzimos esse estudo:

Como o professor da instituição de ensino superior influencia a inserção do profissional de Educação Física no mercado de trabalho das Atividades de Aventura?

Qual é o perfil profissional valorizado pelos gestores que contratam pessoas para trabalhar no âmbito das Atividades de Aventura?

As respostas para essas questões, apesar de seguirem rotas distintas, caminham para o mesmo destino, que é discutir, em certa medida, a presença do profissional de Educação Física no âmbito dessas atividades. Enquanto a primeira trata de percepções acerca dos processos de formação dentro das IES, a segunda segue sob a ótica daqueles envolvidos nos processos de contratação para a atuação profissional. Assim, este estudo justifica-se por trazer reflexões acerca do lazer com foco em algumas aproximações e distanciamentos existentes entre a formação e a atuação do profissional de Educação Física no âmbito das Atividades de Aventura.

Nas últimas décadas, houve uma crescente preocupação acerca do aprendizado das atividades de aventura. Ao longo dos anos, foram desenvolvidos, além de novos equipamentos, uma série de sistematizações para este ensino, seja por federações ou pelos profissionais da área. Com a intensificação do turismo de aventura, ficou evidenciada a importância de demonstrar que estas práticas necessitam de um preparo e um treinamento para que possa ocorrer de forma segura, minimizando, ao máximo, os riscos (MARINHO; BERNARDES, 2013, p. 17).

Partindo das questões que nortearam o presente estudo, a construção do objetivo geral foi pensada no sentido de investigar as aproximações e os distanciamentos existentes entre os saberes dos professores das instituições de ensino superior¹⁷ e os desejos dos gestores das empresas voltadas para este setor, quando pensam em atender às demandas do mercado de trabalho da aventura em Belo Horizonte. Ainda para complementar essa questão, elaboramos dois objetivos específicos:

¹⁷ Cursos de Educação Física em instituições de ensino superior públicas e privadas.

- a) Investigar como os professores responsáveis pelos processos de formação entendem a inserção dos profissionais de Educação Física nas Atividades de Aventura.
- b) Identificar o perfil profissional ideal desejado pelos gestores das empresas do setor para atuar no âmbito das Atividades de Aventura.

1.3 O nosso guia

Este estudo tem como uma das intenções investigar e discutir uma determinada realidade acerca do processo de formação e da atuação dos profissionais de Educação Física, no que diz respeito às Atividades de Aventura na cidade de Belo Horizonte. Para que essa meta fosse alcançada, foi necessário investigar olhares, percepções, a partir dos relatos de professores¹⁸ e gestores que atuam nesse campo. Esse foi um dos motivos que contribuiu para definir a abordagem qualitativa como metodologia. Vale a pena ressaltar que, como toda e qualquer abordagem, ela apresenta benefícios e desafios. Dentre os desafios identificados, destacam-se dois aspectos para os quais estivemos atentos durante todo o processo. Um deles

diz respeito à abrangência do conceito, à especificidade de sua ação bem como os limites deste campo de investigação. Este obstáculo que se apresenta para atingir uma noção mais ou menos clara deste tipo de pesquisa, não é fácil de ultrapassar. A segunda dificuldade que surge na busca de uma concepção precisa da ideia de pesquisa qualitativa é muito mais complexa e emerge dos suportes teóricos fundamentais que a alimentam (TRIVINOS, 1987, p. 120).

Partindo do princípio que a investigação na pesquisa qualitativa não necessariamente busca informações numéricas precisas, os resultados encontrados nem sempre podem ser mensurados. Logo, esse método enfatiza não só as respostas encontradas, mas também todo o contexto da pesquisa, levando em consideração, sobretudo, os resultados que não podem ser expressados por meio de números.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que

¹⁸ Professores de Instituições de Ensino Superior.

correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 22).

Em se tratando dos pesquisadores que atuam por meio da abordagem qualitativa, Triviños (1987) ainda completa que eles estão preocupados com os processos e não somente com os resultados da pesquisa. A preocupação com os resultados não nos poupou esforços no sentido de explorar, ao máximo, todas as fases da pesquisa, sobretudo a coleta de dados por meio das entrevistas.

A construção dessa pesquisa qualitativa, num primeiro momento, realizou-se por meio de pesquisas bibliográficas com a intenção de trazer temas relacionados ao meio ambiente, às Atividades de Aventura, ao lazer e à formação/atuação profissional nesse campo. Ressaltamos que a pesquisa bibliográfica, nesse caso, foi utilizada ao longo do processo de construção do estudo e não somente durante um momento específico. Na segunda fase da pesquisa, foi realizada a entrevista semiestruturada com professores de IES e gestores de empresas que atuam no âmbito da aventura. Por fim, foram feitas as interpretações dos dados coletados, por meio das técnicas sugeridas pela análise de conteúdo.

1.3.1 Pesquisa bibliográfica

Em relação à investigação considerando o referencial teórico existente sobre determinada temática, Laville e Dionne (2008) dizem que a pesquisa bibliográfica consiste em revisar a maior parte dos trabalhos disponíveis, objetivando selecionar tudo que possa servir para o objetivo em questão. Os autores ainda ressaltam a importância do foco de interesse, que precisa ser mantido. Para isso, eles propõem um método específico, que concentra a investigação nas bibliografias temáticas. Ao trazer a pesquisa bibliográfica como recurso metodológico, o presente estudo caminhou no sentido de investigar os seguintes focos de interesse: meio ambiente, Atividades de Aventura e formação/atuação profissional no âmbito do lazer.

A pesquisa bibliográfica, na visão de Luna (1999), também pode ser percebida como uma investigação sobre os principais trabalhos científicos relativos ao tema escolhido, já que eles poderiam apresentar dados atuais e relevantes. Destacamos

que, além de investigar informações relativas aos focos de interesse dessa pesquisa, também foram resgatados os textos das ementas que norteiam os conteúdos das disciplinas ministradas nas IES que foram selecionadas para participar do presente estudo.

Pode-se concluir que a coleta da informação consiste em reunir documentos, em descrever ou transcrever, eventualmente, seu conteúdo e, talvez, em efetuar uma primeira ordenação das informações, para selecionar aquelas que parecerem pertinentes (LAVILLE; DIONNE, 2008, p.168). A leitura das ementas, por exemplo, foi um dos indicadores para selecionar as disciplinas que possuem conteúdos, direta ou indiretamente, ligados à aventura. Além disso, elas nos ajudaram a justificar o recorte proposto para selecionar as IES que participaram desse estudo.

1.3.2 Diário de pesquisa

Neste estudo, o diário de pesquisa foi considerado uma ferramenta complementar, com a intenção de registrar percepções que o pesquisador observou não só durante as entrevistas, mas também ao longo de todo trabalho de campo. Isso porque partimos do pressuposto de que os registros escritos descreveriam informações que não seriam assimiladas somente por meio do recurso de audiogravação e, além disso, as informações poderiam ser perdidas, caso deixássemos os registros dos materiais de coleta somente a cargo da memória. Vale a pena ressaltar que concordamos com o pensamento de Flick (2004), quando diz que essa ferramenta não representa apenas uma finalidade em si mesma ou um conhecimento adicional, mas também outra possibilidade de refletir sobre o processo de pesquisa.

Quando foram registradas as percepções durante o trabalho de campo, pretendíamos coletar detalhes sobre quaisquer evidências que despertassem o olhar do pesquisador, levando em consideração não só o momento da entrevista, mas o período entre a chegada e a saída do local onde ocorreram as intervenções. Para isso, foram adotadas três formas para notas de campo, conforme sugerido por Spradley (1980), que direciona os primeiros passos para os registros:

a) Relatos condensados em uma única palavra, frase ou citação extraída de uma conversa etc.

b) Um relato ampliado das impressões provenientes das entrevistas e dos contatos do campo.

c) Notas sobre análises e interpretações, com início logo após os contatos de campo e estendendo-se até o encerramento do estudo.

Ressaltamos ainda que quando citamos algum participante, ele foi identificado por um critério de composição que não expôs sua identidade. Além disso, optamos por registrar os caminhos percorridos para as visitas técnicas aos participantes que não puderam ou não aceitaram participar desse estudo. Essa escolha deveu-se ao fato de considerarmos que a recusa por parte de alguns convidados também poderia nos trazer reflexões associadas ao problema de pesquisa. Nesse caso, a falta de informação poderia se tornar um conteúdo para o estudo.

1.3.3 Entrevista semiestruturada

Investigar, em certa medida, a opinião dos professores e dos gestores das empresas atuantes no âmbito da aventura foi um dos caminhos metodológicos adotados durante a construção da proposta deste estudo. Para isso, a entrevista semiestruturada foi utilizada como recurso. As entrevistas semiestruturadas caracterizam-se pela maior liberdade do pesquisador frente à ordem e ao acréscimo de perguntas. No entanto, isso não quer dizer que não haja uma orientação prévia (LAVILLE; DIONNE, 2008, p. 158).

A escolha desse método considerou não só a liberdade que ele permite durante sua execução, como a possibilidade de deixar o entrevistado em uma situação confortável para responder às perguntas. Visando garantir não só o bem-estar do participante, mas também a segurança e a confiabilidade no processo, todas as dúvidas foram esclarecidas antes da intervenção. Os documentos¹⁹ relacionados à apresentação e autorização para participação na pesquisa foram lidos e entregues aos voluntários, a fim de que eles entendessem o propósito da entrevista no estudo. Esses documentos explicitaram as informações acerca do que se pretendia com o estudo e dos cuidados para que não houvesse prejuízo aos voluntários e ao

¹⁹ Carta de apresentação da pesquisa, termo de anuência institucional e o termo de consentimento livre e esclarecido. As cópias desses documentos, na íntegra, estão no apêndice deste trabalho.

pesquisador. Além disso, o compromisso com o anonimato dos voluntários, os objetivos do estudo, bem como a sua utilidade, estavam presentes de maneira explícita nesses documentos, que foram lidos, entregues e assinados por ambas as partes, antes de cada entrevista.

O ponto de partida da entrevista com os professores voluntários foi conduzido pelo eixo norteador das Atividades de Aventura, enfatizando a formação e a atuação profissional nesse âmbito. Diante disso, os roteiros das entrevistas foram elaborados levando em consideração a trajetória formativa do participante, a sua relação com o conteúdo da disciplina ministrada, bem como sua percepção acerca do mercado de trabalho. Em se tratando dos gestores, o roteiro priorizou o entendimento e a percepção dos participantes em relação aos profissionais de Educação Física que atuam nesse campo. Todas as perguntas estão no guia de entrevistas (ANEXOS).

Para minimizar algum desconforto que poderia ter sido causado pelos procedimentos dessa ferramenta metodológica, antes das entrevistas, foram estabelecidos diálogos acerca das Atividades de Aventura. A estratégia inicial foi gerar uma conversa com tom informal, sem fazer perguntas de maneira direta, além de provocar um diálogo por meio de comentários dentro da temática proposta. A condução dessa intervenção, apesar de seguir a sequência das perguntas preestabelecidas, foi construída levando em consideração as novas informações que surgiram durante as falas.

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Os depoimentos foram gravados seguindo as considerações propostas por Zago (2003), para quem a audiogravação do material permite maior liberdade ao pesquisador na condução das questões, no estabelecimento da relação de interlocução e no avanço da problematização. Os registros foram feitos simultaneamente, por meio de um gravador eletrônico e um celular. O uso de dois

equipamentos distintos objetivou minimizar as chances de perder as informações, que foram coletadas e transcritas posteriormente. A análise de conteúdo, técnica que detalharemos adiante, foi um dos recursos metodológicos utilizados para interpretar o conteúdo das entrevistas.

A quantidade de pessoas entrevistadas foi determinada de acordo com os critérios preestabelecidos pelo recorte²⁰ espacial, que descreveremos oportunamente. Em se tratando dos professores das IES, foram selecionados somente aqueles que atuam em cursos presenciais de Educação Física na cidade de Belo Horizonte. Os professores entrevistados deveriam ser, necessariamente, os responsáveis pelos conteúdos das disciplinas no semestre correspondente ao período da coleta. As IES selecionadas foram aquelas que apresentaram em sua grade curricular disciplinas com temáticas inerentes às Atividades de Aventura.

Para selecionar os gestores responsáveis pelos espaços onde as Atividades de Aventura acontecem, foi realizada uma triagem das empresas em Belo Horizonte. Os critérios²¹ estabelecidos para selecioná-las foram:

- a) Sede em Belo Horizonte.
- b) Experiência com Atividades de Aventura.
- c) Possuir quadro de funcionários fixos.
- d) Executar eventos²², no mínimo, uma vez por mês.

Ressaltamos ainda que, no caso das entrevistas com os gestores, a seleção do entrevistado teve como requisito a competência de ser o principal responsável pela contratação dos profissionais que atuam em sua empresa.

²⁰ Além do recorte espacial, em se tratando de pesquisa social, "o lugar primordial é ocupado pelas pessoas e grupos convivendo numa dinâmica de interação social. Essas pessoas e esses grupos são sujeitos de uma determinada história a ser investigada, sendo necessária uma construção teórica para transformá-los em objeto de estudo" (MINAYO, 2002, p. 54).

²¹ Mais adiante, destacaremos a importância de Belo Horizonte no contexto das atividades de aventura em nosso país. Por ser considerada um polo nacional do esporte radical e de aventura, foram estabelecidos recortes no sentido de investigar as empresas que atuam nesse local.

²² Organização de campeonatos ou eventos associados às atividades de aventura.

1.3.4 Análise de conteúdo

Visando analisar as variáveis qualitativas encontradas nas transcrições das entrevistas, utilizamos alguns recursos sugeridos pela análise de conteúdo. Um dos entendimentos dessa técnica metodológica considera que seu princípio é desmontar a estrutura e os elementos dos conteúdos estudados, para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação (LAVILLE; DIONNE, 2008). Essa perspectiva metodológica também pode ser entendida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações (BARDIN, 2011). Essa autora complementa que a "análise de conteúdo visa ao conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica etc., por meio de um mecanismo de dedução, com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares" (BARDIN, 2011, p. 50).

Após concluir todas as entrevistas, recorreremos às etapas propostas por Bardin (2011), que sugere uma técnica para transcrever as falas. Num primeiro momento, utilizamos a pré-análise, que consistiu em organizar o material, sistematizando as ideias presentes. Em seguida, fizemos a exploração do material que, dentre outras ações, visou identificar as unidades de registro²³ e definir as categorias²⁴. Por fim, aplicamos o tratamento dos resultados, que objetivou condensar as informações para a análise final.

Unidade de registro – É a unidade de significação codificada e correspondente ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando à categorização e à contagem frequencial. A unidade de registro pode ser de natureza e de dimensões muito variáveis. Reina certa ambiguidade no que diz respeito aos critérios de distinção das unidades de registro. Efetivamente, executam-se certos recortes a nível semântico, por exemplo, o "tema", enquanto que outros são feitos a um nível aparentemente linguístico, como a "palavra" ou a "frase" (BARDIN, 2011, p. 54).

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), a partir de critérios previamente definidos (BARDIN, 2011, p. 147). Definir

²³ Unidade de registro ou unidade de significado é o elemento unitário de conteúdo a ser submetido posteriormente a uma classificação. São consideradas palavras espectáveis, que se efetivam a partir da leitura das ocorrências posteriores ao processo analítico de transcrição das entrevistas.

²⁴ Classificar e organizar os textos, de acordo com as unidades de registro.

as unidades de registro e as categorias exigiu-nos um exercício intenso, que demandou leituras cuidadosas do material coletado, associando-o ao referencial teórico. Além disso, estivemos atentos para não perder de vista em que ponto as falas atendiam ou não aos objetivos da pesquisa. Em se tratando desse método, Meireles e Cedón (2010) mostram que um conjunto de categorias cuidadosamente selecionadas pode gerar indicações produtivas para o processo de interferência, contribuindo, assim, para que as interpretações possam espelhar resultados válidos.

Após analisar a transcrição das entrevistas, foram criadas três categorias, as quais representam, à luz de nossa percepção, temas e assuntos que caminham no sentido de provocar reflexões e tentar trazer respostas para os objetivos desse trabalho:

- a) Categoria 1 - Trajetória de formação dos professores e gestores.
- b) Categoria 2 - Mercado, formação e atuação.
- c) Categoria 3 - Lazer e meio ambiente.

No intuito de auxiliar a decisão de nomear e classificar as unidades de registro, bem como suas respectivas categorias, foi utilizado o *software* Nvivo, versão 12.0. Essa ferramenta eletrônica é um programa que organiza diversas informações qualitativas, por meio de dados bibliográficos. No caso desta pesquisa, o *software* foi utilizado para gerar gráficos que representassem a quantidade de vezes que cada palavra se repetiu ao longo de cada entrevista. Ao gerar essa informação, foi possível estabelecer uma hierarquia entre as palavras e utilizá-las para auxiliar a nomeação e a classificação, tanto das unidades de registros quanto das categorias. Salientamos que a definição das unidades de registro, bem como as categorias, foram estabelecidas por nós e que o referido *software* apenas cumpre o papel de auxiliar na decisão.

Todos os procedimentos metodológicos, bem como quaisquer ações vinculadas à essa pesquisa foram submetidas ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP), seguiram as normas estabelecidas pela resolução 466/12 e foram aprovados sob o número 15847619.0.0000.5149.

Diante do exposto e de todo o caminho percorrido, apresentaremos como esse trabalho está organizado. Foram elaborados cinco capítulos, cujos títulos simbólicos representam uma maneira poética de sintetizar as ideias contidas em cada um deles.

O presente capítulo, intitulado **Mapeando a Trilha**, apresenta a trajetória do autor, a motivação que originou o trabalho e os caminhos metodológicos adotados para essa pesquisa.

O capítulo dois, intitulado **Belo Horizonte a capital dos esportes radicais**, apresenta nosso entendimento sobre as terminologias utilizadas para definir as Atividades de Aventura. Além disso, apresentamos algumas informações que mostram as aproximações entre a cidade de Belo Horizonte e a aventura.

O capítulo três, intitulado **A sintonia entre nós e o meio ambiente**, apresenta perspectivas de como as Atividades de Aventura relacionam-se com o meio ambiente, o lazer, o mercado e a formação profissional.

O capítulo quatro, intitulado **Conversa em volta da fogueira**, apresenta os resultados da pesquisa, que consiste em nossas percepções acerca das respostas dos participantes, por meio da análise de fragmentos das entrevistas e das notas do diário de campo.

O capítulo cinco, intitulado **Conclusão**, apresenta nossas reflexões, conclusões, questionamentos e sugestões acerca do que registramos ao longo desse estudo.

2 BELO HORIZONTE A CAPITAL DOS ESPORTES RADICAIS

Existe diferença entre esportes radicais, esportes de aventura, atividades na natureza, dentre outras terminologias, ou essas seriam várias possibilidades de nomear um mesmo fenômeno? No intuito de apresentar algumas definições e justificar o nosso posicionamento diante das diferentes maneiras de dar nome a essa dimensão da aventura, apresentaremos alguns termos comumente utilizados nesse campo para definir o que, desde o início desse trabalho, chamamos de Atividades de Aventura. Num segundo momento, apresentaremos Belo Horizonte, à luz das Atividades de Aventura, mostrando algumas características que a classificam como capital dos esportes radicais.

2.1 Os vários nomes das Atividades de Aventura

Entendemos que a variedade de expressões criadas para nomear as Atividades de Aventura poderia conduzir o leitor a percepções divergentes sobre um mesmo tema ou até mesmo confundi-lo. Pelo fato de ainda não haver um consenso na literatura para definir tal fenômeno, caminharemos no sentido de apresentar alguns nomes comumente utilizados, nosso posicionamento em relação à terminologia e, conseqüentemente, nossa escolha para nomear essas atividades.

A aventura, por ser um dos elementos presentes nos esportes radicais, é uma realidade na rotina daqueles que se dispõem a vivenciar essas práticas. Por esse motivo, decidimos investigar a etimologia dessa palavra e nos deparamos com a sua origem latina, *ad venture* que, numa tradução ao pé da letra, significa o que está por vir. Essa definição retrata o nosso entendimento sobre a aventura que, neste estudo, pode ser percebida como uma experiência subjetiva de busca de emoções diante do inusitado. Basicamente, essa palavra pode representar situações inesperadas, novas e imprevisíveis. Talvez por esse motivo, o medo seja uma sensação comumente atrelada a esse conceito.

Em se tratando das atividades de aventura, em tese, elas estão ligadas a sensações, risco e vertigem, exacerbações controladas das emoções e, em muitos casos, congraçamento com a natureza e com outras dimensões sensíveis, cuja busca de revalorização aponta para um diferencial dessas práticas em relação aos esportes convencionais (BRUHNS, 2003, p. 11).

Desde a segunda metade do século XX, as Atividades de Aventura vêm atraindo a atenção de muitas pessoas e, assim, agregando muitos adeptos (UVINHA, 2001). É possível perceber este avanço sobretudo no final da década de 1980, quando essas manifestações ganharam mais força de participação e visibilidade midiática, tanto no Brasil quanto em outros países. Foi a partir daí, que teve início uma corrida para nomear esse fenômeno que, até então, era popularmente conhecido como esportes radicais. Nesse mesmo período, surge o evento *X Games*²⁵ que, patrocinado pelo *Extreme Sports Channel*²⁶, contribuiu para divulgar essas práticas em diversos países. Apesar de não termos encontrado registros precisos sobre a origem das primeiras terminologias utilizadas no Brasil, supomos que, por influência midiática, expressões como *Extreme Sports* e *Adventure Sports* foram difundidas e traduzidas em nosso país para, respectivamente, esportes radicais e esportes de aventura. Naquele período, a presença da palavra esportes nos termos foi um dos motivos que geraram algumas discussões entre os teóricos que estudavam o fenômeno.

Quando se fala das práticas corporais de aventura na natureza, são comuns termos como “esportes de aventura”, “esportes californianos”, “esportes alternativos” ou “esportes radicais”. Porém, a palavra esporte pode confundir e reduzir o tipo de fenômeno que acontece no meio ambiente natural. Afinal, explorar cavernas ou acampar, por exemplo, estão longe do que se convencionou chamar esporte. Como o contato com a natureza se faz com um corpo e esse corpo produz um sistema lógico de interações com o ambiente, por meio de movimentos e posturas, o desfrutar (lúdico) da natureza depende de uma gama de atividades corporais sistematizadas – boa parte sem a codificação esportiva (PIMENTEL, 2006, p. 44).

No ano de 2003, Javier Oliver Betran apresenta algumas nomenclaturas que, naquele momento, representaram diferentes maneiras de nomear aquilo que até então se encontrava numa nebulosa conceitual. O autor elencou as expressões: esportes radicais, esportes californianos, novos esportes, esportes técnico-ecológicos, esportes em liberdade, esportes selvagens, esportes extremos, esportes de ação, esportes alternativos e na natureza.

²⁵ O *X Games* é um evento anual de esportes radicais produzido e transmitido pela ESPN. A cobertura também é mostrada pela rede ABC. Os *X Games* inaugurais foram realizados durante o verão de 1995, em Providence e Newport, Rhode Island – Estados Unidos. Os participantes competem para ganhar medalhas de bronze, prata e ouro, além de prêmios em dinheiro. Disponível em: <http://www.xgames.com/>. Acesso: 27 out. 2018.

²⁶ O *Extreme Sports Channel* é um canal europeu de televisão paga, que teve sua origem em Amsterdã, na década de 1990. Hoje o canal é transmitido em mais de 60 países, com tradução para 12 idiomas. Os temas abordados são: surf, montanhismo, escalada, paraquedas, skate, snowboard, wakeboard, motocross, dentre outros. Disponível em: <http://extreme.com/>. Acesso em: 27 out. 2018.

A expressão esportes radicais configura-se como uma gíria utilizada por surfistas e skatistas da década de oitenta, elaborada tendo como base as sensações e exposições a perigos relacionados à altura, vertigens, deslizamentos, entre outros (BETRAN, 2003). Essa nomenclatura ainda é uma das mais conhecidas nos tempos atuais. Esse título consagrou-se em função das sensações de medo e exposição de riscos a que os praticantes são comumente submetidos.

Esportes californianos, por sua vez, é um nome dado em razão da origem de várias das modalidades praticadas na região da Califórnia (BETRAN, 2003). A Califórnia, conhecida como referência local para praticar esportes como surfe, escalada, paraquedismo, mergulho, dentre outros, é também o lugar onde surgiu o skate. Por esse motivo, essas atividades eram e ainda são conhecidas em alguns lugares como esportes californianos. Esse tipo de classificação terminológica leva em consideração o nome do estado norte americano que é reconhecido como referência geográfica e cultural na dimensão da aventura.

Já o nome novos esportes pressupõe que tais práticas sejam consideradas diferentes e inovadoras, quando comparadas aos esportes mais conhecidos (BETRAN, 2003). Neste caso, a palavra novos não necessariamente está associada ao inédito, mas ao entendimento de que também passam a fazer parte do contexto esportivo. Além disso, os ditos novos esportes seriam praticados em ambientes fora do contexto de quadras, campos, ginásios ou quaisquer espaços construídos institucionalmente para práticas esportivas.

No caso do termo esportes técnico-ecológicos, ele faz referência à associação dos equipamentos utilizados para a prática de diversas modalidades com seu uso na natureza (BETRAN, 2003). A escalada esportiva pode ser considerada um exemplo que se encaixa nesse termo, pois, além de ser praticada em ambientes naturais, a utilização de equipamentos de segurança é quase unanimidade entre os praticantes.

Esportes em liberdade é um termo que nega as regulamentações, vínculos a federações ou até mesmo ambientes delimitados por linhas como quadras, ginásios, estádios dentre outros, uma vez que essas práticas caracterizavam-se pela ausência de regras (BETRAN, 2003). Nesse caso, apresentamos como exemplo as caminhadas em ambientes silvestres. Vale a pena destacar que esse era um

conceito válido para aquela época, pois, nos dias de hoje, muitas dessas práticas são regulamentadas por federações.

A expressão esportes selvagens reforça o caráter natural desse tipo de atividade e sugere uma diferenciação entre os esportes ditos urbanos e os demais, praticados em ambientes naturais (BETRAN, 2003). Pelo fato de, em sua maioria, serem praticados em ambientes silvestres, eles foram considerados de caráter natural. Aspecto em destaque principalmente quando tais práticas são comparadas àqueles esportes praticados em locais urbanizados, que possuem estruturas físicas e sociais características dos esportes mais conhecidos, como futsal, voleibol, basquetebol, tênis, dentre outros.

Esportes extremos é uma terminologia influenciada pelo termo inglês *extreme sports*. Esse nome foi pensado em razão das sensações que podem ser vivenciadas pelo praticante durante a exposição às situações em que ocorrem descargas de adrenalina, grau máximo de medo, susto, vertigem e superação de limites. A mesma explicação cabe aos esportes de aventura que, conforme dito antes, também foi um termo traduzido da expressão *adventure sport*.

A terminologia esportes de ação baseia-se numa provável referência à manifestação de força e de energia do corpo agindo sobre implementos, onde impera uma tentativa de controle sobre os efeitos da natureza (BETRAN, 2003).

A expressão esportes alternativos, por sua vez, faz alusão à conveniência de escolher atividades físicas diferentes daquelas praticadas pela maioria das pessoas, que buscam esportes tradicionais em locais institucionalizados (BETRAN, 2003). Esse conceito considera a ocupação de espaços não necessariamente planejados para viabilizar a prática esportiva.

O nome esportes na natureza, segundo Dias e Alves (2007), leva em conta um conjunto de modalidades cuja posição, dentro do espaço esportivo mais geral, corresponde a um jogo regulamentado, realizado na natureza e assentado na proeza física, em que níveis variáveis de seriedade e ludicidade, cooperação e competição, amadorismo e profissionalismo, sensibilidade e insensibilidade ecológica intervêm, simultaneamente, variando de acordo com a perspectiva da

atividade, mas sem nunca escapar a esse esquema geral. Tal definição diz respeito, portanto, a um fenômeno mais geral e não se restringe à técnica corporal.

Outros autores também apresentam considerações sobre a presença da palavra esporte nesse contexto de aventura. Para esses estudiosos, a utilização da palavra esporte pode confundir ou até mesmo restringir o entendimento sobre essas atividades.

Seria o esporte "uma atividade competitiva institucionalizada, que envolve esforço físico vigoroso ou uso de habilidades motoras relativamente complexas, cuja participação é motivada por fatores intrínsecos e extrínsecos?" (BARBANTI, 2006, p. 57). Ao propor uma definição para a palavra esporte, Barbanti (2006) visa ampliar o entendimento dessa expressão. É possível reconhecer que o fenômeno esportivo contemporâneo transcende a clássica definição acerca do esporte espetáculo ou de rendimento (BETTI, 2001). Nesse caso, ambos os autores descrevem possibilidades de entendimento acerca dos esportes que, apesar de serem considerados atividades físicas, vão além das comparações entre rendimentos, recordes, disputas ou quaisquer outras normas regulamentadoras inerentes a essas práticas.

Ao tentar encaixar as Atividades de Aventura dentro do contexto esportivo, alguns estudiosos caminhavam no sentido de entender o fenômeno da seguinte maneira:

O aparecimento e a difusão de esportes cuja prática se constitui de risco calculado reorganizou o sistema de esportes, ocasionando uma renovação simbólica e de signos. As trocas percebidas são mais de ordem dos modos de os perceber do que propriamente de suas características físicas ou técnicas. As emoções nessas práticas explodem no risco, de forma fictícia. São riscos provocados, calculados, de certa forma imaginários (COSTA; TUBINO, 1999, p. 74).

Nessa perspectiva, temos o que Betran (2003) chama de Atividade Física de Aventura na Natureza (AFAN). Desde sua criação, muitos estudiosos têm utilizado esse nome para descrever diversas práticas associadas ao lazer na natureza. Dentre as ideias contidas nessa terminologia, uma das principais seria a tentativa de expressar os sentimentos que os praticantes vivenciam ao estarem em contato com o meio silvestre. Ao cunhar essa expressão, Betran exclui a palavra esporte, com a intenção de ampliar os significados implícitos no novo termo, sem extinguir as

representações associadas ao contexto esportivo. Por esse motivo, é preciso ter clareza de que o caráter esportivo não pode ser simplesmente eliminado, pois é possível observar que a competição é um elemento considerável em várias AFANs (BETRAN, 2003). Um bom exemplo desse pensamento é a recente inclusão da modalidade escalada e do surfe nos jogos olímpicos, que aconteceriam em Tóquio, em 2020²⁷.

O Comitê Olímpico Internacional - COI aprovou, por unanimidade, em sessão de seu congresso nesta quarta-feira, 03/08/2016, no Rio, a inclusão de cinco novos esportes no programa dos Jogos Olímpicos de Verão, que passará a ter 33 modalidades, em Tóquio-2020. Surfe, Skate, Escalada Esportiva, Beisebol e Caratê passam a integrar o cardápio (BRASIL, 2016a, n.p.).

As Atividades de Aventura, termo que estamos utilizando desde o início do trabalho, também seguem essa linha de compreensão terminológica.

As atividades de aventura são as diversas práticas esportivas manifestadas, privilegiadamente, nos momentos de lazer, com características inovadoras e diferenciadas dos esportes tradicionais, pois as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento são outros e, além disso, há também a presença de inovadores equipamentos tecnológicos, permitindo uma fluidez entre o praticante e o espaço destinado a essas práticas - terra, água ou ar (MARINHO; SCHWARTZ, 2005, p. 12).

Tendo em vista as possibilidades conceituais com as quais nos deparamos e considerando que elas representam diferentes propostas para determinar aquilo que, nesse estudo, entendemos como o mesmo objeto, optamos por continuar utilizando o termo Atividades de Aventura. Mesmo assim, ressaltamos que essa escolha terminológica não exclui a possibilidade de lançar mão dos significados presentes em todas as outras.

²⁷ O presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Thomas Bach, disse que 2021 será “a última oportunidade” para a realização dos jogos de Tóquio. Bach afirmou à BBC apoiar a decisão dos organizadores japoneses de cancelar definitivamente os jogos caso a pandemia de Covid-19 não esteja controlada no ano que vem. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/05/coi-admite-cancelar-olimpiada-de-toquio-se-pandemia-nao-for-controlada.shtml>. Acesso em 30 mai. 2020.

2.2 Eu amo BH radicalmente

Naquela manhã de 20 de novembro de 1963, inúmeros moradores da cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, Brasil, foram surpreendidos, ao passarem pela Afonso Pena, principal avenida da cidade. Durante a noite, a prefeitura acabara de iniciar o corte de centenas de frondosos fícus. A paisagem exuberante daquela avenida constituía um verdadeiro cartão postal de Belo Horizonte, apresentada orgulhosamente, desde sua fundação em 1897, como "Cidade Jardim" (DUARTE, 2007, p. 3).

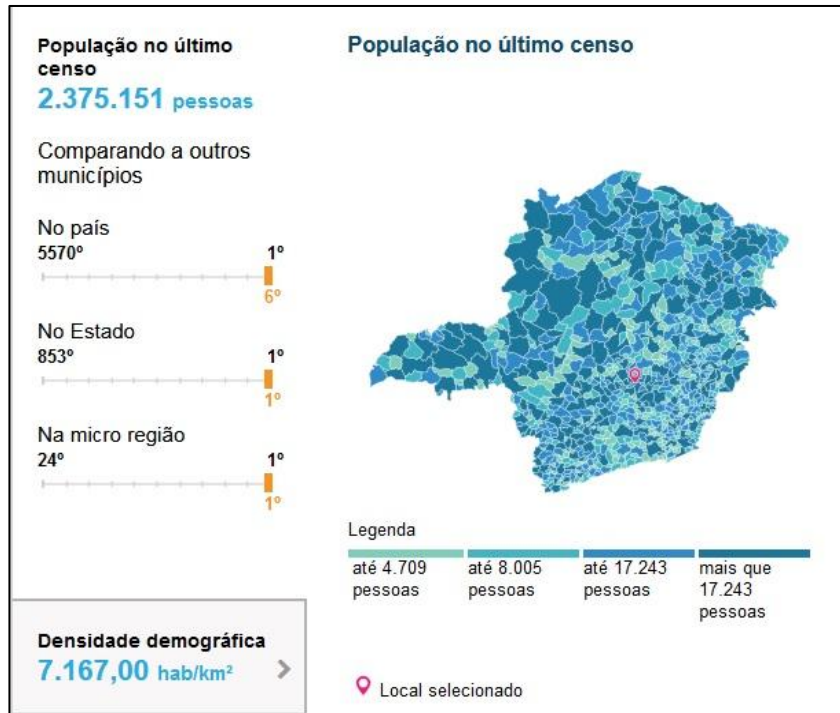
Fundada em 1897, a capital de Minas Gerais foi transferida de Ouro Preto para a Cidade Jardim que, a partir de 1901, passa a se chamar Belo Horizonte. Naquele período, a natureza era uma das principais características identitárias do lugar e inspirou o nome dessa cidade. Acreditamos que hoje Belo Horizonte é conhecida não só como a capital mineira, mas como uma cidade criativa, pulsante, cada vez mais conectada, onde a cultura, as artes, a gastronomia, o conhecimento científico e a tecnologia movimentam o cotidiano. Segundo o site Portal Belo Horizonte²⁸, a cidade combina estilo, qualidade de vida, pluralidade, hospitalidade, aconchego e infraestrutura.

Em se tratando de número de habitantes, em 2019, Belo Horizonte possuía uma média estimada de 2.512.070 indivíduos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019). O último censo, registrado em 2010, confirmou 2.375.151 habitantes. A renda per capita média mensal, em 2017, era de 3,6 salários mínimos, o que colocava a capital, quando comparada aos outros 853 municípios do estado, na 5ª posição. Ao comparar essa informação com a média nacional, Belo Horizonte ocupa a posição 55, levando em conta 5.570 cidades.

Apesar dos dados demográficos não estarem diretamente ligados ao que se pretende investigar nesse estudo, eles apontam algumas características populacionais relevantes para situar o contexto em que a pesquisa foi desenvolvida. Logo, essas informações mostram que o estudo se passa dentro de um contexto onde a população pode ser considerada relativamente grande e a economia local está acima da média, quando temos como referência não só Minas Gerais, mas também o Brasil.

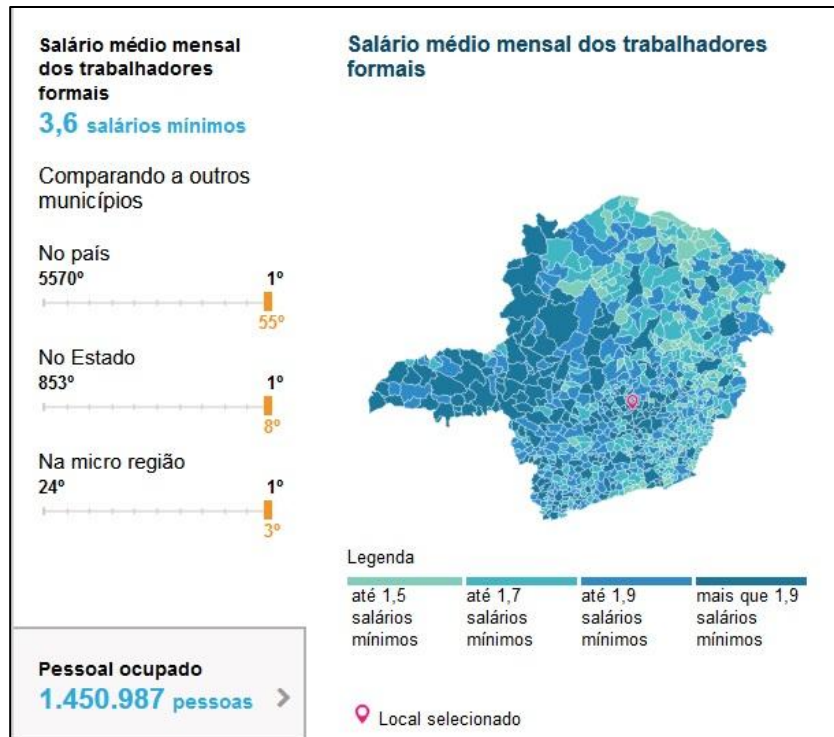
²⁸ Disponível em: <http://portalbelohorizonte.com.br/inicio>. Acesso em 04 nov. 2019.

Figura 1- População de Belo Horizonte



Fonte: IBGE, 2019.

Figura 2 - Salário médio mensal dos trabalhadores formais de Belo Horizonte



Fonte: IBGE, 2019.

Voltando ao foco da discussão inicial deste subcapítulo, o próprio nome da cidade sugere que a beleza pode ser percebida por meio da observação das paisagens, que podem ser contempladas em diversos lugares da região. Coincidência ou não, Belo Horizonte, para fazer juz ao nome que recebeu, possui seis²⁹ mirantes instalados em parques e serras, além de contar com dezenas de lugares onde se pode observar a cidade, por meio de diversas perspectivas, desvelando muitos horizontes.

Essa cidade oferece diversas possibilidades de lazer e, para esse estudo, daremos atenção àquelas diretamente associadas às Atividades de Aventura. Academias de escalada *indoor*, locais para praticar tirolesa, locais para praticar slackline, pistas de skate, trilhas para praticar *mountain bike*, lagoas, parques, serras e morros são alguns exemplos de lugares ao longo dos caminhos que percorremos para realizar a pesquisa.

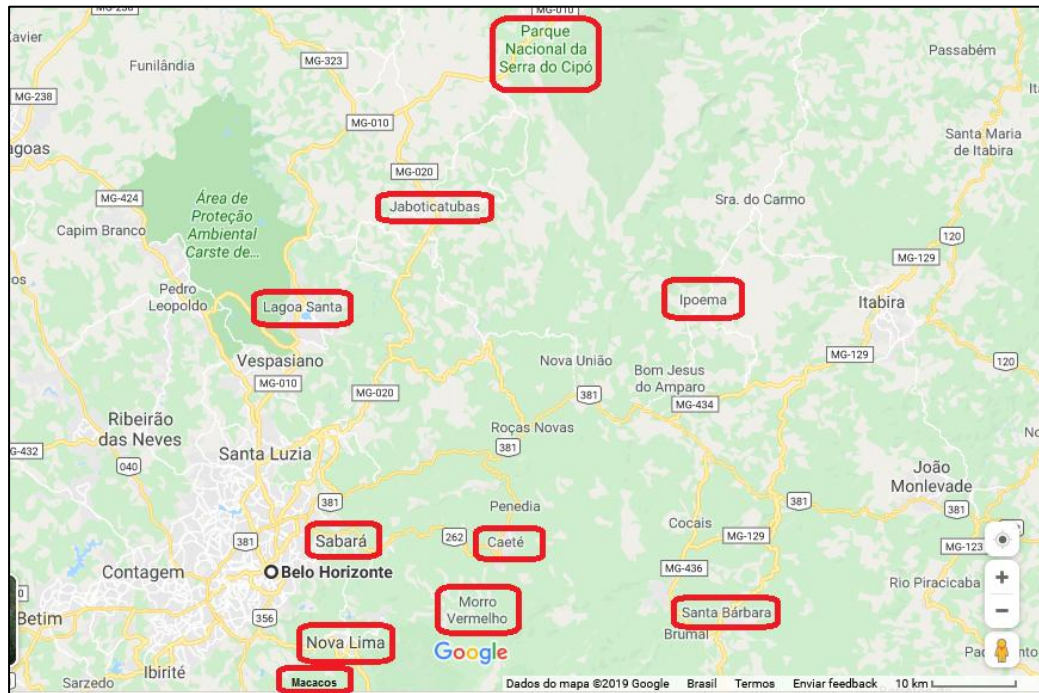
Outra característica que precisa ser levada em consideração é que a capital mineira não se destaca somente por oferecer alternativas para quem busca aventura dentro de seus limites territoriais. Belo Horizonte também chama atenção pela sua posição geográfica e estratégica, que facilita o acesso, tanto de moradores quanto de turistas, a outros lugares próximos onde, também, se pode vivenciar a aventura (Serra do Cipó, Serra da Moeda, Serra de Caeté, Serra da Calçada, Macacos, Lagoa Santa, Ipoema, dentre outros).

Ao perceber o potencial da capital mineira no âmbito das Atividades de Aventura, em meados de 2006, a Casa de Turismo de Belo Horizonte, por meio da *Convention & Visitors Bureau* e de alguns voluntários, iniciou um projeto que culminou com a criação de uma associação. Essa iniciativa teve como objetivo intensificar o turismo de aventura, tanto na cidade quanto nas regiões próximas à capital. Surgiu, então, a Associação BH360³⁰. O nome BH360^o foi inspirado na ideia de pensar Belo Horizonte como o centro de um círculo com um raio de, aproximadamente, cem quilômetros e catalogar todas as cidades que, compreendidas neste perímetro, tivessem potencial para desenvolver Atividades de Aventura.

²⁹ Mirante do Mangabeiras, Mirante do Parque da Serra do Curral, Mirante da Sapucaí, Mirante da Praça do Papa, Mirante Parque Professor Amílcar Viana Martins, Mirante Cristo Redentor Barreiro.

³⁰ Site da associação: <http://www.bh360.com.br>. Acesso em 28 out. 2019.

Figura 3 - Belo Horizonte e regiões próximas



Fonte: Disponível em: Google Maps (2019)

Uma das primeiras estratégias executadas pelos idealizadores desse projeto foi reunir os praticantes de diversas Atividades de Aventura, por meio de vários eventos que comporiam o Circuito BH360°. Naquele mesmo ano, 2006, os idealizadores do projeto conseguiram organizar mais de 50 eventos, viabilizando diversas práticas aos amantes da aventura, como *trekking* de regularidade, vôo livre, supermoto, *motocross*, escalada, *wakeboard*³¹, BMX³², *rally*, corrida de aventura, ciclismo, paraquedismo, canoagem, *rafting*, *paintball*, dentre outros. Em meio a diversas Atividades de Aventura que começaram a ser difundidas com intensas campanhas midiáticas, financiadas pela Associação BH360°, surgiu uma ideia que se transformou em um bordão entre os cidadãos belorizontinos: Eu Amo BH radicalmente.

³¹ O *wakeboard* é um esporte aquático praticado com uma prancha tipo *snowboard*, puxado por uma lancha.

³² BMX ou bicross é um esporte praticado com bicicletas especiais em uma pista de corrida feita de terra.

Figura 4 - Eu amo BH radicalmente



Fonte: <https://www.facebook.com/euamobh/>

Inspirados por esse movimento, os idealizadores do projeto criaram uma imagem que se consolidou como um símbolo para associar a identidade de Belo Horizonte às Atividades de Aventura. A força desse movimento foi tão grande que essa frase inspirou outras criações, como: eu amo meu time radicalmente, eu amo minha família radicalmente, de modo que surgiram muitos outros logotipos nesse sentido.

Figura 5 - Variações do logotipo Eu amo BH radicalmente



Fonte: https://www.google.com/search?q=eu+amo+bh+radicalmente&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjJi9Odu97nAhXOhrkGHc1BDg8Q_AUoAXoECA8QAw&biw=1366&bih=628#imgrc=L3LsqOt-jEWI4M

No dia 28 de novembro de 2012, foi declarada a lei municipal n.10560, que destaca Belo Horizonte como polo nacional do esporte radical e de aventura (BELO HORIZONTE, 2012). Essa ação, movida pelo poder público, também foi embasada em fundamentos presentes na Constituição Brasileira, que garante ao cidadão o lazer³³ como um direito fundamental³⁴. A partir da criação dessa lei, tanto o poder público, representado pela Associação BH360^o, quanto a iniciativa privada, representada pelas empresas que atuavam no âmbito das aventuras, ganharam um motivo legal para investir esforços em prol do lazer em Belo Horizonte.

A lei municipal criada para promover o acesso da população às Atividades de Aventura ajudou a promover novas possibilidades de lazer no cotidiano da capital mineira. Outras modalidades, como balonismo, corrida de rua, *slackline* e *parkour* foram ganhando notoriedade, com o passar dos anos. Vimos que os efeitos desse novo contexto na cidade influenciou instituições particulares com foco no ensino superior, empresas automobilísticas, empresas de cosméticos, dentre outras a utilizarem as Atividades de Aventura como tema de *marketing* em suas campanhas publicitárias³⁵, naquele período.

Encontramos alguns indícios de que o número de praticantes e a quantidade de pessoas envolvidas indiretamente com as Atividades de Aventura cresceram ao longo dos últimos anos, não só em Belo Horizonte, como no contexto nacional. Segundo informações divulgadas pelo extinto Ministério do Turismo, o Brasil é o país ideal para a prática dessas atividades e um dos melhores destinos turísticos, comparado a outros países. Essas afirmações basearam-se na pesquisa elaborada pelo portal americano *US News & World Report*, a consultoria BAV e a escola de negócios Wharton, da Universidade da Pensilvânia. Esse estudo foi apresentado durante o Fórum Econômico de Davos, em janeiro de 2016, na Suíça.

³³ Além disso, destaco a compreensão do lazer como "direito social previsto na Constituição Federal de 1988, portanto um direito de todos" (ALVES, 2013, p. 64).

³⁴ Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 1988).

³⁵ Como exemplos, temos a Fumec: <https://www.youtube.com/watch?v=GwBA-5FI58Q>. Acesso em: 30 dez. 2019. A Wolkswagem: <https://www.youtube.com/watch?v=6VDPFtxY8Vo>. Acesso em: 30 dez. 2019. E Guaraná Antártica: <https://www.youtube.com/watch?v=TZEaGHogRVc>. Acesso: 30 dez. 2019.

A pesquisa foi realizada com 60 países que concentram mais de 90% do PIB do mundo. O objetivo do estudo era “entender e quantificar a percepção global sobre os principais destinos turísticos”. A Alemanha ficou em primeiro lugar no ranking geral. O Brasil figura na 20ª posição (BRASIL, 2016b, n.p.).

Em relação à pesquisa, o ministro do turismo, na época, afirmou que a natureza e o ecoturismo já eram o segundo principal motivo das viagens de lazer realizadas por estrangeiros ao Brasil. Ele ainda reforçou que o país é um dos que possui a maior biodiversidade em seus diversos ecossistemas, apresentando um cenário rico para o segmento, de modo que ainda era possível avançar mais (BRASIL, 2016b).

A capital dos esportes radicais disponibiliza em seu território centenas de lugares onde é possível praticar Atividades de Aventura. Além dos espaços³⁶ públicos onde se pode vivenciar: skate, *parkour*, *slackline* e *mountain bike*, Belo Horizonte também possui opções de lugares privados que oferecem vivências como: escalada, tirolesa, *trekking*, mergulho dentre outros. Entendemos que apresentar todos esses ambientes não só fugiria dos propósitos deste estudo, como seria um caminho audacioso e arriscado, tendo em vista o tempo disponível para concluir este trabalho. Cientes de que seria inviável agrupar, neste subcapítulo, todos os locais onde a aventura acontece, tentamos estabelecer alguns critérios para delimitar uma quantidade razoável e compatível com nossa proposta de estudo.

Após aplicar diversas tentativas metodológicas, levando em consideração parâmetros como data de inauguração, quantidade de visitas mensais, localização regional, público alvo, dentre outros, observamos que alguns lugares considerados relevantes pela Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica não apareceram nos resultados. Assim, mudamos a estratégia metodológica e optamos por descrever 5 entre os mais de 50 parques públicos disponíveis na capital. A seleção teve como base uma lista proposta pela Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica, que dispõe os parques de Belo Horizonte numa ordem hierárquica, em que os mais frequentados pela população estão no início da lista disponível no site³⁷. Os espaços que citaremos representam alguns lugares frequentados pelos praticantes de Atividades de Aventura. Ambientes esses que também favorecem a atuação dos profissionais de Educação Física. Daremos início, apresentando os

³⁶ Parques, praças, bosques, viadutos, alamedas, arenas dentre outros.

³⁷ Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-de-parques-e-zoobotanica/parques>. Acesso em: 04 nov.2019.

parques e, em seguida, traremos alguns espaços privados onde as Atividades de Aventura acontecem em Belo Horizonte.

2.2.1 Parque das Mangabeiras

Situado na encosta da Serra do Curral, o Parque das Mangabeiras abriga a maior reserva ambiental de Belo Horizonte, sendo um dos maiores parques urbanos da América Latina, com dois mil trezentos e cinquenta metros quadrados totalmente cercados. Considerado um local para quem busca contato com a natureza, o parque possibilita a vivência de algumas Atividades de Aventura, como *trekking*, caminhadas ecológicas, corridas na mata, subida aos mirantes, tirolesa, skate, dentre outros. A fauna e a flora nativa são representadas por algumas espécies do Cerrado e da Mata Atlântica.

2.2.2 Parque Municipal Américo Renné Giannetti

Localizado no centro de Belo Horizonte, o Parque Municipal é um local onde praticantes de *parkour*, *slackline* e skate encontram-se diariamente. Fundado em 1897, ele tem cerca de cento e oitenta e dois mil metros quadrados de área. Em se tratando de flora e fauna, possui centenas de espécies de árvores, plantas ornamentais, aves, borboletas e pequenos mamíferos. O parque também conta com três lagoas, onde é possível fazer um passeio de barco.

2.2.3 Parque Municipal Mata das Borboletas

Inaugurado em 1995, o Parque Mata das Borboletas possui quase trinta e cinco mil metros quadrados de área verde. Localizado na encosta da Serra do Curral, o local oferece área de convivência e trilhas ecológicas. Dentre os animais nativos, é possível encontrar algumas espécies da Mata Atlântica, além de uma grande quantidade de borboletas, que deram origem ao nome do parque.

2.2.4 Parque Ecológico Promotor Francisco Lins do Rego

O Parque Ecológico Promotor Francisco Lins do Rego, mais conhecido como Parque Ecológico da Pampulha, é um ponto turístico que resultou de uma recuperação ambiental e patrimonial. O espaço de trezentos mil metros quadrados conta com um bosque bastante arborizado, trilhas pela mata e um lugar exclusivo para a prática de *slackline*. É possível encontrar alguns animais selvagens, como capivara, jacaré e algumas espécies de aves.

2.2.5 Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado

Localizado na região da Pampulha, ele possui trezentos mil metros quadrados de área totalmente cercada. Foi concluído e inaugurado em setembro de 1994. O parque consolidou-se a partir de uma mobilização da comunidade local. Os moradores queriam preservar o espaço verde de uma fazenda existente na área, pois o lugar seria transformado em um conjunto habitacional. Conhecido também como Parque Lagoa do Nado, ele representa um local de referência cultural e também favorece a prática de atividades como caminhadas ecológicas pelas trilhas, atividades campistas para escoteiros, atividades aquáticas, skate, *slackline*, dentre outras. O espaço conta com diversas espécies de aves e alguns mamíferos da Mata Atlântica.

Dando sequência a essa apresentação de espaços, mostraremos alguns lugares privados que se caracterizam como locais em que algumas Atividades de Aventura podem ser realizadas em Belo Horizonte.

2.2.6 Escalada

Desde que eu comecei a escalar, isso há uns seis anos, eu tenho percebido o crescimento da escalada esportiva. Todos os dias tem gente nova na academia. Homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e até idosos aparecem por lá. Novas academias abriram não só em BH, mas em outras cidades também. E não é só na academia que vejo gente nova. Eu vejo o pessoal na pedra também. E isso aumentou principalmente depois que a

escalada virou esporte olímpico (Pedro Avelar, atleta da seleção brasileira de escalada).³⁸

Em se tratando da escalada *indoor*, Belo Horizonte abriga cinco academias especializadas. Todas elas possuem em seus respectivos quadros funcionais estagiários e profissionais formados em Educação Física. Existem outros espaços onde se pode vivenciar essa atividade: algumas instituições de ensino superior, áreas militares, academias de musculação, escolas (privadas e públicas), restaurantes e alguns espaços particulares. Outra consideração importante é que, apesar de não existirem ambientes naturais destinados à prática de escalada dentro de Belo Horizonte, municípios vizinhos, como Contagem e Sabará, oferecem essa alternativa.

2.2.7 *Parkour*

Em Belo Horizonte existe um espaço particular onde o *parkour* é a principal atividade oferecida ao público. Trata-se de uma academia que possui em seu quadro de funcionários estagiários e profissionais formados em Educação Física. Além desse espaço, é possível encontrar praticantes de *parkour* que prestam serviços em lugares como praças, parques, passarelas, viadutos, dentre outros. Nesse caso, não existe regularidade em relação aos locais, dias e horários das aulas. Além disso, vale a pena ressaltar que nem sempre há presença de profissionais de Educação Física nesses locais públicos.

2.2.8 Mergulho

Apesar de Belo Horizonte não possuir lugares naturais apropriados para a prática do mergulho, existem cinco espaços privados destinados à vivência dessa atividade. Esses centros de treinamento não contam, em seus respectivos quadros de funcionários, com profissionais de Educação Física.

³⁸ Declaração proferida em conversa informal com o atleta Pedro Avelar, durante um acampamento na cidade de Belo Horizonte, no 13/10/2019. Divulgação autorizada.

2.2.9 *Trekking* de regularidade

Essa modalidade consiste em uma adaptação das caminhadas em trilha com as regras do enduro tradicional de veículos automotivos. A competição consiste em realizar um percurso predeterminado pela organização, superando obstáculos naturais, percorrendo estradas, trilhas, riachos e vilarejos. Não é uma modalidade que prioriza a velocidade, mas a orientação e a regularidade de cada equipe. Duas empresas organizam campeonatos dessa modalidade em Belo Horizonte. A maioria das etapas dos campeonatos acontece nas cidades próximas à capital mineira. Os eventos atraem centenas de competidores, não só pela atividade em si, mas também pelas festividades e as atrações turísticas que acontecem nos locais de prova.

Esses foram alguns exemplos entre centenas de espaços e possibilidades disponíveis para a realização das Atividades de Aventura na capital mineira. Apesar de Belo Horizonte ter sido considerada a capital dos esportes radicais, observamos que esse legado não é anterior ao início dos anos 2000. Além disso, entendemos que, a despeito do aumento no número de adeptos das Atividades de Aventura, essas práticas ainda representam uma realidade distante de muitos que gostariam de vivenciá-las. Vale a pena ressaltar que os espaços destinados a tais práticas possuem uma relação estreita com ideias de sustentabilidade, tema que será discutido no próximo capítulo.

3 A SINTONIA ENTRE NÓS E O MEIO AMBIENTE

A preservação do meio ambiente é um dos temas abordados, quando o assunto é desenvolvimento sustentável. No ano de 2016, a Organização das Nações Unidas (ONU) foi responsável por organizar um dos principais encontros entre líderes que redefiniriam metas em prol do progresso econômico associado à minimização dos impactos ambientais em todos os países.

No dia primeiro de janeiro de 2016, os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável, adotados pelos líderes mundiais em setembro de 2015 em uma histórica Cúpula da ONU, entraram oficialmente em vigor. A partir daí, nos próximos quinze anos, com esses novos objetivos que se aplicam universalmente a todos, os países mobilizarão esforços para acabar com todas as formas de pobreza, combater as desigualdades e combater as mudanças climáticas, garantindo que ninguém seja deixado para trás (UNITED NATIONS, 2019, p. 6).

É dentro desse contexto que, a princípio, apresentaremos algumas percepções de como as Atividades de Aventura podem se relacionar com o lazer, o meio ambiente e, sobretudo, com o desenvolvimento sustentável. Em seguida, mostraremos algumas relações entre as Atividades de Aventura e o contexto mercadológico³⁹ mundial, bem como alguns aspectos dessa realidade no cenário brasileiro. Além disso, levantaremos um debate acerca do processo de formação e atuação profissional no âmbito da aventura. Por fim, trataremos parte do documento Agenda 2030, para discutir questões relacionadas ao meio ambiente e ao lugar das Atividades de Aventura na necessária harmonia entre homem e natureza.

3.1 Entre as Atividades de Aventura, o lazer e o mercado

É possível compreender educação ambiental⁴⁰ por meio de uma perspectiva que relaciona Atividades de Aventura, lazer e natureza. O progresso científico, o fomento das discussões ideológicas e o avanço da tecnologia são alguns acontecimentos que, no atual período histórico, vem sofrendo transformações, tornando-se temas

³⁹ É o conjunto de atividades que visam orientar o fluxo de bens e serviços que são gerados para os consumidores ou usuários.

⁴⁰ Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

abordados por sociólogos e filósofos que versam sobre modernidade. Zygmunt Bauman (1925-2017), considerado um dos principais estudiosos da modernidade, analisa, dentre diversas dimensões, as relações entre a globalização e a humanidade (BAUMAN, 2001). O autor posiciona-se diante da fluidez⁴¹ dos tempos modernos, em detrimento de um passado sólido⁴². Ao situar parte do contexto social⁴³, sobretudo quando falamos sobre lazer e temos ciência de que o tempo livre das pessoas pode estar condicionado a momentos reduzidos, colocados junto às obrigações inerentes à vida moderna, queremos elucidar porque o presente estudo caminha no sentido de entender as Atividades de Aventura como possibilidades de lazer.

Quando a distância percorrida numa unidade de tempo passou a depender da tecnologia, de meios artificiais de transporte, todos os limites à velocidade do movimento, existentes ou herdados, poderiam, em princípio, ser transgredidos. Apenas o céu (ou, como acabou sendo depois, a velocidade da luz) era agora o limite, e a modernidade era um esforço contínuo, rápido e irrefreável para alcançá-lo (BAUMAN, 2001, p. 17).

As tendências que acompanham as transformações sociais, principalmente em se tratando dos contextos urbanos, caminham no sentido de ocupar o tempo dos indivíduos com diversas obrigações e tarefas cotidianas. O compromisso com o trabalho, o estudo, a família, os amigos e tantas outras dimensões da vida moderna parecem afastar os cidadãos urbanos do convívio com a natureza. Cidadãos esses que, muitas vezes, desejariam ter esse contato próximo com os ambientes naturais, no entanto não conseguem usufruir dessa possibilidade. Por outro lado, retomamos uma realidade abordada no capítulo anterior, quando falamos sobre o crescimento do número de pessoas que, em seus momentos de lazer, buscam aventura, prazer e emoção no retorno à natureza.

As intensas manifestações corporais nessas práticas permitem que as experiências na relação corpo-natureza expressem uma tentativa de reconhecimento do meio ambiente e dos parceiros envolvidos, expressando, ainda, um reconhecimento dos seres humanos enquanto parte desse meio (MARINHO, 2001, p. 147).

⁴¹ A fluidez nesse contexto representa facilidade de mudança em algumas dimensões sociais como: trabalho, família, relacionamento, tempo de folga dentre outros.

⁴² A palavra sólido nesse contexto representa dificuldade de mudança em algumas dimensões sociais como: trabalho, família, relacionamento, tempo de folga dentre outros.

⁴³ Período entre 2000 e 2020, em Belo Horizonte.

Não é novidade e tampouco um fenômeno recente pessoas buscarem o retorno à natureza com foco na aventura, entretanto as motivações, os significados e as consequências experienciadas no contexto temporal presente possuem relações singulares com o lazer (SERRANO; BRUHNS, 2007). Por esse motivo, entendemos que as singularidades as quais nos referimos remetem à possibilidade de enxergar as Atividades de Aventura como escolhas manifestadas nos momentos de lazer.

Não podemos deixar de considerar que perceber essas atividades como possibilidades de lazer no Brasil é uma tendência que vem crescendo ao longo dos últimos anos e, além disso, observamos que elas normalmente ocorrem em um tempo e espaço social de lazer. Tais atividades são executadas quando os sujeitos estão livres das obrigações do cotidiano (GOMES, 2014). Liberdade essa que, nos tempos atuais, nem sempre os exime completamente de suas obrigações cotidianas. Não cabe, nesse estudo, ampliar a discussão teórica sobre a concepção de lazer, mas apresentar as Atividades de Aventura, manifestações associadas a esse contexto. Porém, vale ressaltar que o duplo aspecto educativo do lazer, conceito difundido no início dos anos noventa, também pode ser associado ao contexto das Atividades de Aventura.

A abordagem sobre o duplo aspecto educativo do lazer foi discutida por Nelson Carvalho Marcellino, no livro *Lazer e Educação* (1990). O autor apresenta, no primeiro capítulo da obra, o lazer como veículo e objeto de educação. É a partir dessa concepção, que exige um duplo olhar para o lazer, que conduziremos as reflexões sobre a convergência entre as Atividades de Aventura e a educação ambiental.

Utilizaremos a escalada como exemplo para explicar o que seria o lazer compreendido como objeto de educação. Em se tratando dessa atividade, sabe-se que é imprescindível dominar os procedimentos de segurança, bem como as técnicas, as habilidades e quaisquer outros conhecimentos que permeiam a prática. Quando o mediador⁴⁴ atua por meio do lazer, compreendido como objeto de educação, suas intenções caminham no sentido de conduzir a prática com foco nas competências técnicas, físicas, cognitivas e mentais. Requiexa, ao considerar a

⁴⁴ Nesse caso entendido como instrutor de escalada.

importância da prática pela prática, destaca que “[...] o próprio exercício do lazer será o melhor estímulo educativo para o próprio lazer” (REQUIXA, 1980, p. 81). Nesse caso, a escalada, propriamente dita, é o foco nessa dialética entre ensino e aprendizagem. Logo, as estratégias e as intenções do mediador passam pela dimensão do educar para o lazer e, por esse motivo, o objetivo do aprendizado seria somente a escalada. Analisando o exemplo citado, considerando essa perspectiva, de maneira bem direta e pragmática, é possível inferir que, ao fazer com que o praticante consiga escalar, o mediador se dá por satisfeito.

Ainda tendo a escalada como exemplo, abordemos a ideia de lazer como veículo de educação. Nesse caso, o foco do conteúdo a ser apresentado pelo mediador não seria a escalada em si, mas as possibilidades e aprendizados indiretos que essa atividade pode oferecer. A escalada, nesse sentido, passa a ser apenas um detalhe dentro de todo o processo de aprendizagem. “Uma das questões mais abordadas pelo sociólogo Renato Requixa é exatamente a do alto potencial educativo que as atividades de lazer podem ser portadoras” (MARCELINO, 1980, p. 60). Nesse caso, o mediador, por meio da educação ambiental, pode utilizar o momento de lazer como facilitador entre os participantes e as informações que podem ser compartilhadas sobre o cuidado com a natureza, por exemplo. Apesar de, nessa perspectiva, o lazer ser apresentado como um momento educativo, ele não é concebido por meio de uma visão puramente pragmática. O lazer passa a ser entendido como um momento de aprendizagem menos restritivo que na abordagem anterior. Sendo assim, para entendê-lo como veículo de educação,

é necessário considerar suas potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Tanto cumprindo objetivos consumatórios, como o relaxamento e o prazer propiciados pela prática ou pela contemplação, quanto objetivos instrumentais, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade, as atividades de lazer favorecem, a par do desenvolvimento pessoal, também o desenvolvimento social, pelo reconhecimento das responsabilidades sociais, a partir do aguçamento da sensibilidade ao nível pessoal, pelo incentivo ao autoaperfeiçoamento, pelas oportunidades de contatos primários e de desenvolvimento de sentimentos de solidariedade (MARCELINO, 1980, p. 60).

É possível observarmos a manifestação do lazer como objeto e veículo de educação na fala de alguns entrevistados:

É assim que a gente lida, né... a relação da atividade na natureza com os momentos de lazer serve pra melhorar a qualidade de vida. É compreender aquilo ali como momento de vivência privilegiada do lúdico e de desfrute de um contato com a natureza, né. É fazer uma relação disso com a própria qualidade vida e com o meio ambiente. Ainda mais num meio urbano tão difícil, tão cinzento... as pessoas têm buscado muito esse tipo de atividade. Tem crescido bastante. Então, assim, é esse tipo de relação que a gente procura desenvolver (Ent. 1. P. A. Q. 3).⁴⁵

Outra coisa que a gente tem que trabalhar é o respeito com a natureza e a questão ambiental que estão sendo discutidos hoje em dia. É importante a preservação e o cuidado quando a gente vai pra natureza. Tem que cuidar (Ent. 2. P. B. Q. 2).

É preciso estabelecer relações com o meio ambiente. Relacionar e conhecer o que acontece por lá, por exemplo... relacionar com o meio ambiente, relacionar com a natureza (Ent. 3. P. C. Q. 3).

Conforme observou-se nas falas acima, utilizar as Atividades de Aventura como subterfúgio para refletir sobre o meio ambiente foi uma estratégia pedagógica utilizada pelos professores durante as aulas. Vale a pena ressaltar que, apesar de não ter nenhuma questão sobre meio ambiente no roteiro de entrevistas, todos os professores trouxeram à tona temas que remetiam ao cuidado com a natureza. Por nos alinharmos à compreensão de que a educação ambiental poderia ser promovida de maneira intencional por parte daqueles que ocupam a posição de mediadores entre as Atividades de Aventura e aqueles que as praticam nos momentos de lazer é que corroboramos as ideias contidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. O documento afirma que se deve imprimir ao desenvolvimento individual um "caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental" (BRASIL, 2012, p. 17).

As questões ambientais não se limitam ao contexto de natureza selvagem, já que interferem de maneira direta em outras esferas como economia, política, mercado, lazer associado às Atividades de Aventura e tantas outras dimensões. Teixeira (1999) não hesitou quando disse que o lazer, por meio de sua capacidade de aproximar as nações e globalizar a economia, seria um dos principais motores para estimular o crescimento econômico e produzir novos empregos no futuro. Vinte anos após essa afirmação, é possível inferir que, em se tratando da relação entre os

⁴⁵ Critério de composição: Ent 1 - Corresponde à entrevista e sua respectiva numeração. P - Corresponde a professor. G - Corresponde a gestor. Letra maiúscula - Corresponde à identificação do participante. Q - Corresponde à numeração atribuída a cada questão.

profissionais de Educação Física e as Atividades de Aventura, essa previsão caminha no sentido de se concretizar.

A prática dos esportes de aventura constitui um fenômeno sociocultural esportivo amplo e tem se mostrado um campo de intervenção emergente para os profissionais da área de Educação Física. Acredita-se que a demanda por determinado nível de desempenho físico e esportivo e a presença do componente pedagógico na orientação e no ensino dos esportes de aventura permitem a análise da intervenção profissional nessas modalidades. Isso ocorre a partir de orientações teóricas e metodológicas que têm delimitado objetos de estudo e a base de conhecimentos para a intervenção profissional no âmbito do ensino e do treino esportivo em geral (BRASIL; RAMOS; NACIMENTO, 2019, p. 2).

Também por esse motivo, tanto o turismo de aventura quanto o lazer na natureza vem despertando o olhar de investidores e empreendedores brasileiros, que estão interessados nas oportunidades de negócio que as Atividades de Aventura oferecem, desde o início dos anos dois mil.

O turismo de aventura é um fenômeno cada vez mais florescente no novo milênio e atrai uma proporção cada vez maior da população que está em busca de auto-realização e prazer através da participação em atividades físicas e mentais estimulantes, viajando para destinos remotos ou participando de atividades de “pura adrenalina” como parte de suas expectativas turísticas (SWARBROOKE, 2003, p. 55).

Pesquisas recentes confirmam essa tendência crescente de mercado⁴⁶. Segundo a *World Travel & Tourism Council* (WTTC), o setor de transportes marítimos, terrestres e aéreos obteve um crescimento de aproximadamente quatro por cento em função do turismo no mundo. Além disso, a WTTC afirmou que esse fato alavancou a economia do planeta para quase nove bilhões de dólares, o que gerou trezentos e dezenove milhões de empregos, no ano de 2018. Uma situação semelhante também pôde ser observada no Brasil, por meio de um estudo apresentado pelo extinto Ministério do Turismo, em parceria com a Universidade de Oxford. Os dados mostraram que esse setor da economia representou aproximadamente oito por cento do Produto Interno Bruto (PIB) nacional e foi responsável por gerar, em 2018, mais de seis milhões de empregos diretos.

⁴⁶ Entendido aqui como termo que se refere à área onde são realizadas transações econômicas, isto é, uma troca de bens e serviços entre particulares, empresas ou outro tipo de organização.

Com o crescente aumento do interesse e da demanda pelas práticas de lazer e esportes na natureza, fica evidente a necessidade de aprofundamento nas discussões que tragam a tona os valores subjacentes a tais práticas, com uma preocupação em ressignificar as relações estabelecidas, no que se refere tanto às vivências propriamente ditas quanto à atuação do profissional (ISAYAMA, 2018, p.195).

Tendo em vista as características potenciais⁴⁷ que a natureza oferece não só nas regiões próximas a Belo Horizonte, mas também em todo o território nacional, é possível inferir que as Atividades de Aventura podem ser concebidas como um novo segmento ou nicho de mercado. Kotler (2000) ensina que, para identificar um novo nicho de mercado, é preciso avaliar o potencial de consumo que a demanda apresenta.

O interesse dos consumidores não basta para se definir um mercado. Consumidores potenciais devem possuir renda suficiente e devem ter acesso à oferta. O mercado disponível é o conjunto de consumidores que possuem renda, interesse e acesso a uma determinada oferta (KOTLER, 2000, p. 141).

Diante de um cenário em que o lazer na natureza aparece como um novo nicho de mercado, contribuindo para o PIB brasileiro, sugerimos empenhar esforços no entendimento dos processos de formação e atuação profissional nesse campo. Ao mesmo tempo, entendemos que é preciso ter cautela nessa busca, pois os gestores e empresários não podem simplesmente ditar as regras para que as instituições formadoras atendam às demandas mercadológicas.

O Brasil está acostumado a deixar de lado o essencial para atender o emergencial e essa escolha, no campo da cultura, tem efeitos absolutamente desastrosos a médio e longo prazos. [...] Esse efeito [...] está se traduzindo numa pressão crescente para que as universidades abandonem a expectativa de formação de seus alunos em favor de uma resposta muito imediatista em cima de questões mercadológicas (MELO, 2012, p. 81).

Ao sugerir que a interferência da lógica de mercado seja ponderada, sobretudo nas IES, estamos nos referindo aos processos de formação profissional no âmbito da Educação Física. Entendemos que esses profissionais da aventura devem ter bases reflexivas que os qualifiquem para defender posicionamentos que vão além de construir ações práticas.

⁴⁷ No âmbito das atividades de aventura percebidas como possibilidades de lazer.

Vemos a imediata necessidade de capacitação altamente especializada no plano acadêmico, visando ao ensino e à pesquisa multidisciplinar, difundindo-se o compromisso de aprofundar as reflexões sobre o fenômeno, objetivando a assunção de uma postura ética e responsável, comprometida com a realidade do país, e no plano operacional, objetivando a atuação no mercado, ao aprimorar a formação dos atores responsáveis pela concepção, implantação, gestão e monitoramento de projetos integrados que garantam a sustentabilidade ambiental, está entendida no seu sentido amplo, nos planos político, físico, social, cultural e econômico (UVINHA, 2005, p. 292).

A atuação profissional no meio ambiente vem sendo discutida e ganhando espaços por meio de estudos (INÁCIO, 1997; BRUHNS, 1997; MARINHO, 2003; MARINHO; INÁCIO, 2007; CORREA, 2008; ALVES, 2010, 2012; MARINHO; SANTOS; FARIAS, 2012) que vão ganhando força e apresentando dados e informações que interessam aos que pretendem atuar no âmbito das Atividades de Aventura.

Apesar de não discutirmos, neste estudo, questões sobre currículo, no que tange ao papel das IES na formação de profissionais para trabalhar com as Atividades de Aventura, entendemos que os processos educacionais são determinantes no sentido de garantir uma atuação profissional com competência.

O profissional do lazer que objetivar uma formação consistente e de desenvolvimento de competências e habilidades técnicas, culturais e pedagógicas terá a oportunidade de atuar no campo das atividades da natureza com maior eficácia, associando sua ação ao caráter político de intervenção e melhora das condições de vida da comunidade, bem como desenvolver um papel pedagógico e cultural, promovendo ações com sentido e significados que alterem a vida das pessoas, possibilitando e melhorando o processo educativo (ISAYAMA, 2018, p. 206).

Ao estudar a formação no âmbito das Atividades de Aventura, observamos que o meio acadêmico não é a única alternativa para buscar qualificação profissional. Além das diversas possibilidades de cursos disponíveis no mercado, há quem busque aprender tal ofício de maneira empírica. A importância da possibilidade formativa por meio da prática também foi descrita por autores que estudaram o perfil de profissionais, bem como suas habilidades e competências para desempenharem trabalhos em ambientes naturais (PAIXÃO; TUCHER, 2010; PAIXÃO, 2011; AURICCHIO, 2017). Esses estudos apontam que tanto o saber advindo da prática quanto o saber sistematizado podem auxiliar a atuação profissional. Além disso, em se tratando do mercado da aventura, o surgimento de novas atividades, bem como

de ferramentas tecnológicas desenvolvidas para oferecer segurança e praticidade durante os processos de intervenção, é uma realidade que dificulta a qualificação formal de profissionais nesse meio. Isso porque a velocidade com que as mudanças acontecem apresenta-se como um obstáculo para a capacitação e a atualização daqueles que pretendem trabalhar com aventura. Ao examinar as pesquisas que tratam a atuação e a formação dos profissionais que atuam na natureza, notamos a dificuldade em promover uma capacitação específica para a atuação nessas práticas (ISAYAMA, 2018).

Entendemos que seja preciso alguns anos de estudo e prática para formar um especialista em técnicas verticais, montanhismo, voo livre, paraquedismo, *mountain bike*, *parkour*, dentre outras atividades. Talvez o fator tempo, em função do caráter generalista das propostas curriculares que as IES propõem-se a seguir, seja um dos motivos que dificultam formar pessoas aptas para atuar com Atividades de Aventura. Se, por um lado, existem barreiras que dificultam a capacitação específica em aventura no ensino superior; é possível perceber alguns avanços quando se observa, por exemplo, a presença de disciplinas, nos cursos de graduação, com foco no lazer, cultura e meio ambiente (MARINHO; INÁCIO, 2013). Esses autores mostram como são abordados os temas relacionados ao lazer, cultura e meio ambiente no contexto das atividades na natureza. Eles destacam como esses avanços concretizam-se no campo do lazer, levando-nos a concordar com a ideia de que tais atividades podem ampliar o olhar para discutir o perfil do profissional que atua nesse campo, por meio da educação ambiental.

A reflexão que levantamos, tendo como base a concepção de lazer⁴⁸ aqui adotada, é que o mercado, muitas vezes, influencia na formação de um perfil profissional pragmático, cuja atuação se resume em reproduzir conteúdos preestabelecidos por manuais, regras e sequências pedagógicas criadas com foco na produtividade, satisfação do cliente e resultados lucrativos. Segundo Gomes, Stoppa e Isayama (2001), realidades dessa dimensão contribuem para que as vivências por meio das Atividades de Aventura sejam descontextualizadas e destituídas de possibilidades

⁴⁸ O lazer representa a necessidade de fruir, ludicamente, as incontáveis práticas sociais constituídas culturalmente. Essa necessidade concretiza-se na ludicidade e pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural (GOMES, 2014, p. 12).

de construção coletiva. Nesse caso, temas como ecologia, desenvolvimento sustentável, educação ambiental, dentre outros ficariam em segundo plano ou nem sequer seriam abordados.

Lamentavelmente, o que ainda permanece é a visão de que o profissional deve preocupar-se simplesmente com o divertimento das pessoas, com a ideia de “desviar a atenção”, aspecto muito mais presente na indústria cultural, por meio do consumo alienado de determinados conteúdos culturais (GOMES; ISAYAMA; STOPPA, 2001, p. 126).

Pensar em construir um perfil profissional que oriente seu trabalho a partir de perspectivas que vão além da ideia de otimização do tempo, reprodução, produtividade, técnica e lucro seria uma alternativa que se alinha aos processos formativos que consideramos adequados no âmbito das Atividades de Aventura.

Paixão (2015) apresenta algumas considerações sobre o perfil de instrutores que atuam nessa área e, segundo ele, o profissional deve

aliar uma série de saberes que incluem domínio da técnica, habilidades adequadas à modalidade que está realizando, conhecimento e emprego da tecnologia e de equipamentos, capacidade de decifrar informações referentes ao ambiente natural e, diante do imprevisto, capacidade de decidir e agir antecipadamente por meio de estratégias a serem utilizadas para superar o obstáculo e atingir seus fins. Esses conhecimentos deverão ser suficientes para assegurar-lhe não somente o prazer e a aventura, como também sua integridade física e emocional, além de contemplar aspectos relacionados à preservação do meio natural em que se desenrola dada modalidade (PAIXÃO, 2015, p. 258).

Em se tratando de formação profissional para Atividades de Aventura no âmbito das IES, apresentamos, como exemplo, o trabalho desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A instituição possui um programa⁴⁹ que se apresenta como uma das possibilidades que viabilizam a qualificação do profissional de Educação Física. Esse programa, com foco nas Atividades de Aventura, teve início em 1999, objetivando associar o ensino de educação ambiental ao curso de Educação Física. A princípio, era ofertado um ciclo de palestras, eventos⁵⁰ e

⁴⁹ A descrição completa desse programa consta em: COSTA, Alcides, Vieira. As AFAN como conteúdo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: UVINHA, Ricardo Ricci. **Turismo de Aventura: reflexões e tendências**. São Paulo: Aleph, 2005.

⁵⁰ Eventos: IV Fórum olímpico de canoagem e vela. III Congresso mercosul de cultura corporal, qualidade de vida e atividades físicas na natureza. II Simpósio Sul-Brasileiro de Educação Ambiental.

diversos cursos⁵¹ com foco na aventura, que hoje continua em processo contínuo de melhoria. As ideias presentes no programa parecem ser uma boa alternativa para promover uma formação que contempla diversos conteúdos associados às Atividades de Aventura.

Sendo assim, para atuar no segmento da aventura sugerimos que o profissional direcione esforços para sentir-se parte do meio ambiente. Entendemos que é preciso desenvolver valores éticos e solidários, com ênfase na convivência, respeito e consciência de projeto coletivo de vida. Nesse sentido, corroboramos as ideias de Isayama (2018), que defende que o profissional do lazer deve reunir os conhecimentos em torno das competências operacionais, os saberes/conhecimentos subjetivos e que, além disso, essas dimensões estejam ligadas à história de vida e à cultura de cada profissional. Completamos, ainda, que, em se tratando dos processos de atuação, é preciso avançar no sentido de sensibilizar os praticantes sobre os impactos da presença humana no meio ambiente, fomentar o debate acerca do desenvolvimento sustentável e motivar o desenvolvimento pessoal/social por meio do lazer.

Quando o caminho é atender o caráter emergencial produtivo que o mercado exige, o profissional precisa estar ciente de que essa ação pode resultar em efeitos negativos não só para as Atividades de Aventura e a natureza, como para o contexto social em que se insere o ambiente onde o fato acontece.

Vários impactos sociais provocados pelos turistas de aventura poderiam ser aqui mencionados. Tais impactos envolvem vários aspectos, como falta de interesse dos turistas pela cultura local, especulação imobiliária provocada por estabelecimentos temáticos, realização de eventos nas localidades desprezando o engajamento do residente, até mesmo o uso inadvertido de modalidades em veículos motorizados – este último reconhecido como um impacto até mesmo por mais praticantes de outras modalidades de “aventura” (UVINHA, 2005, p. 288).

Diante dos impactos que o meio ambiente sofre com o advento das Atividades de Aventura, a natureza, bem como o contexto social com o qual ela dialoga, deve ser considerada a principal fonte motivadora dessas atividades. Por esse motivo, entendemos que o desenvolvimento sustentável é parte das Atividades de Aventura

⁵¹ Cursos oferecidos: Orientação, Iniciação à Vela, Canoagem, Rafting, Resgate/Salvamento.

e deve nortear todas as ações em prol da relação harmônica entre os seres humanos e a natureza.

É preciso refletir sobre as ações humanas em nosso planeta. Os impactos para a nossa vida e de todas as espécies são enormes. A começar, por exemplo, pelas alterações no clima em uma comunidade. Isso prejudica a sazonalidade de atividades como a pesca e a agricultura resultando em desastres naturais como incêndios, enchentes e furacões fora de época. Esse é o lado mais destrutivo dos impactos que o aquecimento global está provocando para a vida na terra (GABRIEL, 2018, p. 1).

Assim sendo, o processo formativo deve valorizar não só habilidades e competências técnicas, mas o entendimento de concepções culturais e pedagógicas com foco na educação ambiental e, em especial, o desenvolvimento sustentável.

3.2 A minha casa é onde você mora

A inspiração para organizar as informações contidas nesse subcapítulo surgiu pelo desejo de expressar o que entendemos como cuidado e respeito ao meio ambiente. Sendo assim, optamos por trazer o documento Agenda 2030⁵² como referência para fundamentar as reflexões e percepções acerca desse tema.

O documento Agenda 2030 apresenta o desenvolvimento sustentável como uma alternativa menos danosa para os recursos naturais renováveis e não renováveis disponíveis no planeta. A ideia central dessa proposta é sugerir mudanças de comportamento e ações humanas no sentido de minimizar os impactos ambientais, até o ano de 2030. E para que essa meta seja alcançada dentro do prazo, foram incorporados, nesse documento, dezessete objetivos em prol do desenvolvimento sustentável:

- 1) Erradicar a pobreza: acabar com a pobreza em todas as suas formas e em todos os lugares.
- 2) Fome zero e agricultura sustentável: acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar, melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável.

⁵² A Agenda 2030 é um plano de ação elaborado para fortalecer a paz universal. O plano indica 17 objetivos de desenvolvimento sustentável e 167 metas para erradicar a pobreza e promover uma vida digna para todos. Disponível em: <http://www.agenda2030.org.br/sobre/>. Acesso em 11 ago. 2019.

- 3) Saúde e bem-estar: assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos em todas as idades.
- 4) Educação de qualidade: assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade. Promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.
- 5) Igualdade de gênero: alcançar igualdade de gênero, empoderar todas as mulheres e meninas.
- 6) Água potável e saneamento: assegurar disponibilidade, gestão sustentável da água e saneamento para todos.
- 7) Energia limpa e acessível: assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e preço acessível para todos.
- 8) Trabalho decente e crescimento econômico: promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável. Promover o emprego pleno, produtivo e o trabalho decente para todos.
- 9) Indústria/Inovação e infraestrutura: construir infraestruturas consolidadas, promover a industrialização inclusiva e sustentável. Fomentar a inovação.
- 10) Redução das desigualdades: reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles.
- 11) Cidades e comunidades sustentáveis: tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, duráveis e sustentáveis.
- 12) Consumo e produção responsáveis: assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.
- 13) Ação contra a mudança global do clima: tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos.
- 14) Vida na água: conservar e promover o uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.
- 15) Vida terrestre: Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda.
- 16) Paz/Justiça e instituições eficazes: promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável e proporcionar o acesso à justiça para todos. Construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.
- 17) Parcerias e meios de implementação: fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável. (ONU, 2015, p.19).

Por entender que o meio ambiente silvestre é também o lugar de prática das Atividades de Aventura, compartilhamos da ideia de que os espaços onde acontecem essas atividades precisam ser preservados.

Preservar e conservar o meio ambiente são tarefas essenciais, pois a humanidade depende da natureza e não o contrário. As atividades econômicas necessárias para a sobrevivência do ser humano e a expansão do bem-estar das pessoas dependem da saúde dos ecossistemas. Sem ECOlogia não há ECONomia (ALVES, 2017, p. 5).

Dentre os dezessete objetivos propostos pela Agenda 2030, dois abordam, de maneira direta, a conservação dos espaços naturais onde as Atividades de Aventura são vivenciadas. Por esse motivo, detalharemos esses objetivos, que são: vida terrestre e vida na água.

Iniciaremos pelo objetivo que representa o ambiente onde a maioria dos seres humanos vive: vida terrestre (Item 15 da Agenda 2030). Nesse item, as metas propõem ações que visam proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres. Além disso, as propostas visam garantir a gestão sustentável das florestas combatendo a desertificação, a degradação da terra e a perda da biodiversidade (ONU, 2015). Esse objetivo é composto de 12 metas em prol da vida terrestre, que são:

- 1) Assegurar a conservação, a recuperação e o uso sustentável dos ecossistemas em áreas florestais, zonas úmidas e terras áridas. Isso levando em consideração as conformidades com as obrigações decorrentes dos acordos internacionais.
- 2) Assegurar a conservação dos ecossistemas de montanha, incluindo a sua biodiversidade, para melhorar a sua capacidade de proporcionar benefícios que são essenciais para o desenvolvimento sustentável.
- 3) Mobilizar e aumentar significativamente, a partir de todas as fontes, os recursos financeiros para a conservação e o uso sustentável da biodiversidade e dos ecossistemas.
- 4) Mobilizar recursos significativos de todas as fontes e em todos os níveis para financiar o manejo florestal sustentável e proporcionar incentivos adequados aos países em desenvolvimento para a conservação e o reflorestamento.
- 5) Tomar medidas urgentes e significativas para reduzir a degradação de habitat naturais, deter a perda de biodiversidade, proteger e evitar a extinção de espécies ameaçadas.

- 6) Tomar medidas urgentes para acabar com a caça ilegal e o tráfico de espécies da flora e fauna. Além disso, inibir tanto a demanda quanto a oferta de produtos ilegais da vida selvagem.
- 7) Reforçar o apoio global para o combate à caça ilegal e ao tráfico de espécies protegidas. Incentivar e melhorar a capacidade das comunidades locais para buscar oportunidades de subsistência sustentável e assim evitar a caça em prol do autossustento.
- 8) Garantir uma repartição justa e equitativa dos benefícios derivados da utilização dos recursos genéticos obtidos por meio de recursos naturais. Além disso, promover o acesso de todos aos benefícios alcançados por esses recursos genéticos.
- 9) Promover a gestão sustentável em todos os tipos de florestas, combater o desmatamento ilegal, restaurar florestas degradadas e agir no sentido de favorecer o florestamento e o reflorestamento no âmbito global.
- 10) Implementar medidas para evitar a introdução, além de reduzir significativamente o impacto de espécies exóticas invasoras em ecossistemas terrestres e aquáticos. Além disso, controlar ou erradicar as espécies prioritárias que possam causar danos ao ambiente.
- 11) Integrar os valores dos ecossistemas e da biodiversidade aos planejamentos políticos que priorizem estratégias para a redução da pobreza.
- 12) Lutar para alcançar um mundo neutro em termos de degradação do solo por meio do combate à desertificação e restaurar solos degradados. Criar estratégias para combater secas e inundações prejudiciais ao ecossistema.

O Brasil, apesar de ser um dos cento e noventa e três países que assinou o documento para formalizar o compromisso com a Agenda 2030, no ano de 2016, atualmente deixa de cumprir algumas metas fundamentais para que os princípios do desenvolvimento sustentável sejam garantidos. O rompimento da barragem de Brumadinho,⁵³ bem como os desdobramentos que se deram após esse fato, são exemplos de como várias autoridades políticas e gestores de grandes empresas descumpriram as metas contidas no objetivo 15 da Agenda 2030.

⁵³ O rompimento da barragem de Brumadinho ocorreu no dia 25 de janeiro de 2019. Esse fato, além de ter provocado interferências negativas no ecossistema, resultou em mais de 250 mortos e desaparecidos. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/brumadinhomg2/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

Como tentativa de minimizar os impactos ambientais causados pelo rompimento da barragem, representantes do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBIO) e do Instituto brasileiro do meio ambiente e dos recursos naturais (IBAMA) integram, atualmente, o posto de comando em Brumadinho, sob a coordenação da defesa civil do estado de Minas Gerais. O objetivo dessa medida foi viabilizar ações de reparação aos danos ambientais (BRASIL, 2019). Apesar desse movimento, que visa minimizar os impactos do rompimento, a comunidade local ainda sofre em função do descumprimento dos objetivos contidos na Agenda 2030.

Além da perda de vidas e dos prejuízos financeiros, os danos ambientais causados pelo rompimento da barragem da Mina do Feijão, no município de Brumadinho, são enormes. Embora ainda não se tenha uma dimensão exata, os números impressionam: desde a barragem rompida até o encontro com o Rio Paraopeba, a área coberta por rejeitos é de cerca de 290 hectares, ou seja, quase 300 campos de futebol. Só de vegetação, foram pouco mais de 140 hectares devastados (UFMG, 2019. p. 1).

Encontramos algumas informações sobre Brumadinho em três⁵⁴ fontes de consulta onde os dados são atualizados diariamente. Entretanto, falar sobre a tragédia de Brumadinho com a devida atenção que o fato merece mudaria o foco desse trabalho. Além disso, por ter sido um fato recente, ainda não há respostas jurídicas definitivas para a situação. Por esse motivo, a evocação desse caso cumpre o papel de provocar reflexões no sentido de avaliar até que ponto as ações público/privadas, antes, durante e após um desastre ambiental, caminham no sentido de cumprir os propósitos da Agenda 2030.

Em relação ao segundo objetivo em destaque, que tem a água como foco de discussão (Item 14 da Agenda 2030), ressaltamos que ele contempla as metas que visam proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas aquáticos. Os oceanos e rios são afetados incisiva e diretamente por atividades humanas, por meio de poluição e pesca predatória, o que resulta, principalmente,

⁵⁴ a) O *website* oficial da Prefeitura de Brumadinho, por apresentar uma perspectiva por meio da visão política sobre o fato. Disponível em: <https://brumadinho.mg.gov.br/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

b) O *website* oficial da Empresa, por apresentar uma perspectiva por meio da visão do réu. Disponível em: http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/servicos-para-comunidade/minasgerais/atualizacoes_brumadinho/Paginas/default.aspx?utm_source=Google&utm_medium=CPC&utm_campaign=2019|Search|Barragens|Brumadinho&utm_content=Link7. Acesso em: 22 nov. 2019.

c) Uma página criada por uma iniciativa popular, por apresentar uma perspectiva por meio da visão das vítimas. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/brumadinhomg2/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

em perda de habitat, introdução de espécies invasoras e acidificação da água. O lixo produzido também contribui para a degradação desses ambientes (ONU, 2015). Visando proteger a vida na água foram estabelecidas 10 metas para nortear as ações humanas em prol do meio ambiente:

- 1) Prevenir e reduzir significativamente a poluição marinha de todos os tipos, especialmente a advinda de atividades terrestres, incluindo detritos marinhos e a poluição por nutrientes.
- 2) Gerir de forma sustentável, proteger os ecossistemas marinhos e costeiros para evitar impactos adversos significativos, inclusive por meio do reforço da sua capacidade de resiliência, tomar medidas para a sua restauração a fim de assegurar oceanos saudáveis e produtivos.
- 3) Minimizar e enfrentar os impactos da acidificação dos oceanos e rios, inclusive por meio do reforço da cooperação científica em todos os níveis.
- 4) Efetivamente regular a coleta e acabar com a sobrepesca ilegal, não reportada, não regulamentada e as práticas de pesca destrutivas. Implementar planos de gestão com base científica para restaurar populações de peixes no menor tempo possível, pelo menos a níveis que possam produzir rendimento máximo sustentável, como determinado por suas características biológicas.
- 5) Conservar pelo menos 10% das zonas costeiras e marinhas, de acordo com a legislação nacional e internacional, e com base na melhor informação científica disponível.
- 6) Proibir certas formas de subsídios à pesca, que contribuem para a sobrecapacidade e a sobrepesca. Eliminar os subsídios que contribuam para a pesca ilegal, não reportada e não regulamentada, e abster-se de introduzir novos subsídios como estes, reconhecendo que o tratamento especial e diferenciado adequado e eficaz para os países em desenvolvimento e os países de menor desenvolvimento relativo deve ser parte integrante da negociação sobre subsídios à pesca da Organização Mundial do Comércio (OMC).
- 7) Aumentar os benefícios econômicos para os pequenos Estados insulares em desenvolvimento e os países de menor desenvolvimento relativo, a partir do uso sustentável dos recursos marinhos, inclusive por meio de uma gestão sustentável da pesca, aquicultura e turismo.

- 8) Aumentar o conhecimento científico, desenvolver capacidades de pesquisa e transferir tecnologia marinha, tendo em conta os critérios e orientações sobre a Transferência de Tecnologia Marinha da Comissão Oceanográfica Intergovernamental, a fim de melhorar a saúde dos oceanos e aumentar a contribuição da biodiversidade marinha para o desenvolvimento dos países em desenvolvimento, em particular os pequenos Estados insulares em desenvolvimento e os países de menor desenvolvimento relativo.
- 9) Proporcionar o acesso dos pescadores artesanais de pequena escala aos recursos marinhos e mercados.
- 10) Assegurar a conservação e o uso sustentável dos oceanos e seus recursos pela implementação do direito internacional, como refletido na Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, que provê o arcabouço legal para a conservação e utilização sustentável dos oceanos e dos seus recursos.

Em se tratando do cuidado com a água, o Brasil também vive algumas situações que vão de encontro aos propósitos da Agenda 2030. O presidente do IBAMA, no ano de 2019, contrariou um parecer técnico⁵⁵ emitido pela secretaria executiva do Ministério do Meio Ambiente. Esse documento fundamenta uma base científica com o intuito de anular a autorização de um leilão para explorar petróleo próximo a Abrolhos.

Os recifes de Abrolhos, localizados no sul da Bahia, são o maior complexo de recifes de corais do Brasil e do Atlântico Sul. Devido a sua rica biodiversidade, endemismo e características únicas de suas estruturas, uma parte dessa região foi protegida através da criação do primeiro Parque Nacional Marinho do Brasil, que completou 36 anos no dia 06 de abril de 2019 (OCEANA, 2019, p. 7).

A singularidade do bioma em Abrolhos, bem como a sua importância para o ecossistema marinho, não impediram a decisão governamental de apropriar-se dessa área para explorar recursos naturais. A falta de ofertas para a concessão de exploração de petróleo nessa região fez com que o leilão fosse adiado, entretanto ele ainda pode acontecer nos anos subsequentes. A exploração de recursos

⁵⁵ Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/ministerio-mandou-ibama-liberar-petroleo-em-abrolhos-por-relevancia-estrategica,243b05213e94cc44f2e533e04c318e3396hroz55.html>. Acesso em: 13 de nov. 2019.

naturais dentro desse Parque Nacional Marinho, caso seja efetivada, comprometerá a biodiversidade local e, conseqüentemente, trará prejuízos ambientais irreparáveis.

Outro exemplo recente de negação ao compromisso assinado em 2016 foram os desdobramentos que se deram após o derrame de petróleo cru que atingiu mais de dois mil quilômetros do litoral das regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. Os primeiros registros do derrame ocorreram no fim do mês de agosto de 2019. O balanço do IBAMA, divulgado no dia treze de novembro de 2019, mostra que 527 locais, em 111 municípios, já foram afetados. Quase 70% das cidades do litoral nordestino foram atingidas. Mais de 130 animais foram contaminados (PORTAL G1, 2019).

Ao apresentarmos os objetivos e algumas metas da Agenda 2030, em diálogo com exemplos práticos que apontam que os propósitos desse documento poderiam ter sido aplicados de maneira satisfatória, trouxemos à tona uma discussão acerca do descuido e do desrespeito ao meio ambiente. A intenção deste trabalho, ao associar as metas da Agenda 2030 a essas situações catastróficas, é provocar reflexões sobre as contradições presentes no que tem sido feito em prol do desenvolvimento sustentável em nosso país.

Ao destacarmos os distanciamentos entre as proposições da Agenda 2030 e o que, efetivamente, tem ocorrido no contexto brasileiro, chamamos atenção para a presença das Atividades de Aventura nos ambientes silvestres. Isso porque entendemos que essas atividades, por serem práticas desenvolvidas prioritariamente em ambientes naturais, podem ser consideradas parte dessa discussão. Em se tratando das contribuições que as Atividades de Aventura oferecem, destacamos a educação ambiental como uma das ações em prol do meio ambiente. Além disso, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) também reconhece que existem relações entre as atividades físicas e o desenvolvimento sustentável.

As AFES (Atividades Físicas e Esportivas) atravessam ou tangenciam vários desses objetivos e metas, sem que haja, contudo, menção explícita a elas. Mesmo sem essa alusão direta às AFES na Agenda 2030, é possível construir múltiplas pontes de mão dupla entre elas e cada um dos ODS

(Objetivos de Desenvolvimento Sustentável). Assim, aumentar e qualificar a prática de AFES pode ser fundamental para a promoção dos ODS, tanto quanto promover os ODS pode ser decisivo para aumentar e qualificar o envolvimento das pessoas com as AFES (FABIANCIC, 2017, p. 8).

Não poderíamos deixar de abordar os cinco eixos da Agenda 2030, que representam, de forma resumida e esquemática, as ideias centrais desse documento. Esses eixos facilitam o entendimento das relações que precisam ser estabelecidas no intuito de concretizar os propósitos do desenvolvimento sustentável até 2030.

Figura 6 - Os cinco eixos da Agenda 2030



Fonte: PUND, 2015.

O eixo Pessoas versa sobre a determinação em acabar com a pobreza e a fome em todas as suas formas e dimensões. A dignidade e a igualdade formam a base para idealizar a garantia de que todos os seres humanos possam expressar seus potenciais em um ambiente saudável.

O eixo Planeta fala sobre o cuidado com o ambiente. Trata-se da necessidade de proteger o planeta contra a degradação, utilizando-se de estratégias que priorizem o consumo e a produção sustentáveis. A gestão sustentável dos recursos naturais, nesse caso, visa a medidas urgentes diante dos problemas inerentes às mudanças climáticas. A preocupação com as gerações futuras é a principal temática desse eixo.

O eixo Prosperidade propõe assegurar que os seres humanos tenham uma vida próspera e plena de realização pessoal. Nesse item, considera-se que é fundamental que o progresso econômico, social e tecnológico seja acessível a todos e, além disso, que ele aconteça de maneira harmônica com a natureza.

O eixo Paz determina ideias para construir uma sociedade justa, inclusiva, livre do medo e da violência. Esse item condiciona o desenvolvimento sustentável a uma sociedade justa, já que afirma que não pode haver desenvolvimento sustentável sem paz e não há paz sem desenvolvimento sustentável (PUND, 2015).

O eixo Parceria reforça a necessidade do trabalho conjunto em prol da humanidade. Ele representa a ideia de que uma das intenções da Agenda 2030 é implementar os objetivos em prol do desenvolvimento sustentável por meio de uma parceria global. A solidariedade ganha destaque nesse contexto, já que essa força coletiva prioriza atender demandas de pessoas pobres ou vulneráveis.

Segundo a ONU⁵⁶, o crescimento demográfico mundial chegou a quase oito bilhões de habitantes, em 2019, e esses números aumentarão significativamente em um curto espaço de tempo. Como consequência dessa realidade, a utilização dos espaços silvestres e rurais tende a aumentar, para acompanhar essa transformação. A ONU ainda afirma que a ocupação dos espaços naturais de maneira desordenada deveria ser a principal preocupação dos líderes de estado frente ao progresso da humanidade. A importância dos cinco eixos reside principalmente no propósito de, por meio das propostas apresentadas, minimizar os impactos causados pelo crescimento populacional.

⁵⁶ Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2005/02/129172-worlds-population-reaches-65-billion-year-could-reach-7-billion-2012-un-says>. Acesso: 13 jul. 2019.

A função dialética educativa associada às Atividades de Aventura tem como uma das prerrogativas estimular o cuidado com o meio ambiente. Essencialmente por esse motivo, entendemos que essas possibilidades de lazer não só possuem ligação direta com o desenvolvimento sustentável, como são imprescindíveis para sensibilizar pessoas acerca da necessidade de preservar os recursos naturais em prol da vida humana.

Por fim, entendemos que o desenvolvimento sustentável é a melhor alternativa possível diante da necessidade humana de progredir sem exaurir os recursos naturais renováveis e não renováveis. O progresso⁵⁷ associado ao consumo dos recursos naturais deve acontecer, desde que a natureza seja utilizada de maneira consciente. Isso porque a preservação e o uso sustentável do meio ambiente são garantias que favorecem a vida humana neste planeta. Pensar em estratégias que promovam o desenvolvimento sustentável é uma das formas de cuidar do mundo hoje, para que as gerações futuras tenham meios para sobreviver e dar continuidade ao legado da vida.

⁵⁷ Progresso entendido como evolução nos seguintes âmbitos: tecnologia, ciência, extração de recursos naturais, direitos humanos, relações internacionais, paz mundial, dentre outros.

4 CONVERSA EM VOLTA DA FOGUEIRA

Nesse capítulo, apresentaremos os resultados encontrados durante a coleta de dados, bem como as análises e interpretações acerca do que foi ouvido e observado.

4.1 Lugares onde fomos

Tendo em vista os espaços onde a aventura acontece e levando em consideração os seguintes critérios: sede em Belo Horizonte; experiência com atividades de aventura; possuir quadro de funcionários fixos; executar eventos, no mínimo, uma vez por mês, classificamos cinco, dentre as dezenas de possibilidades disponíveis na capital mineira. Quatro desses cinco espaços optaram por contribuir com a pesquisa. Os motivos pelos quais um espaço não participou da pesquisa não foram esclarecidos pelos gestores responsáveis. Tentamos dialogar sobre o motivo da negação, entretanto não obtivemos resposta. Após duas tentativas sem sucesso, optamos por não insistir mais.

Quadro 1 - Espaços onde as Atividades de Aventura acontecem

ESPAÇOS ONDE AS ATIVIDADES DE AVENTURA ACONTECEM EM BELO HORIZONTE	
ESPAÇO	PARTICIPAÇÃO
ACADEMIA DE ESCALADA DAS PEDRAS	SIM
ACADEMIA DE ESCALADA ROKAZ	SIM
ACADEMIA DE PARKOUR INSANE WORLD	SIM
MINAS TREKKING	SIM
TIROLEZA PARQUE DAS MANGABEIRAS	NÃO

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação às IES selecionadas, seguimos os seguintes critérios: possuir curso de Educação Física; ter sede em Belo Horizonte e apresentar, em sua grade curricular, disciplinas com temáticas inerentes às atividades de aventura. Além disso, os

professores entrevistados deveriam ser, necessariamente, os responsáveis pelos conteúdos das disciplinas no semestre correspondente ao período da coleta. Foram classificadas nove, dentre as treze IES. Quatro dentre as nove instituições inicialmente apontadas posicionaram-se a favor de contribuir com a pesquisa. Os motivos pelos quais duas instituições não quiseram participar não foram esclarecidos pelas mesmas e, assim como no caso dos espaços privados, optamos por não insistir em obter alguma resposta.

Quadro 2 - Cursos de Educação Física em Belo Horizonte

INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COM UNIDADE EM BH QUE OFERECEM CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA			
INSTITUIÇÃO	CURSO PRESENCIAL	DISCIPLINA AFANS	PARTICIPAÇÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO CIDADE VERDE (UNIFCV)	NÃO	-	NÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BELO HORIZONTE (UNI BH)	SIM	SIM	NÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA	SIM	SIM	NÃO
ESTÁCIO DE SÁ	SIM	SIM	NÃO
FACULDADE DE ENSINO DE MINAS GERAIS (FACEMG)	NÃO	-	NÃO
FACULDADE PITAGORAS	SIM	SIM	SIM
FUNDAÇÃO MINEIRA DE EDUCAÇÃO E CULTURA (FUMEC)	SIM	SIM	NÃO
INSTITUTO BELO HORIZONTE DE ENSINO SUPERIOR (IBHES)	NÃO	-	NÃO
INSTITUTO METODISTA IZABELA HENDRIX	SIM	SIM	NÃO
PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA MG (PUC)	SIM	SIM	SIM
UNIVERSIDADE DO NORTE DO PARÁ (UNOPAR)	NÃO	-	NÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	SIM	SIM	SIM
UNIVERSO	SIM	SIM	SIM

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da pesquisa

Mostraremos, a seguir, as ementas das disciplinas oferecidas pelas IES que participaram da pesquisa. Isso porque esses documentos apresentam elementos que nos ajudaram a discutir e analisar, em certa medida, a fala dos professores entrevistados.

a) Ementa 1 - Conhecer os aspectos relacionais entre atividades alternativas e educação ambiental para desenvolver práticas esportivas com estratégias de educação ambiental.

b) Ementa 2 - A disciplina de Esportes de Aventura desenvolve e estimula o estudo para o planejamento, organização, educação ambiental e prática dos Esportes de

Aventura, buscando a identificação de métodos de ensino e aprendizagens das técnicas específicas para cada um destes esportes.

c) Ementa 3 - Identificar os diferentes esportes de aventura. Compreender o significado e importância dos equipamentos de segurança. Identificar e conhecer os impactos ambientais na natureza com a prática do esporte. Compreender as características e modalidades de esportes radicais.

d) Ementa 4 - Entender a evolução histórica das práticas de aventura e sua importância para integração do homem como o meio natural e urbano. Relacionar educação ambiental, sustentabilidade, atividades ligadas à natureza e melhorias da qualidade de vida. Entender a organização didático-pedagógica das atividades e esportes de aventura; orientação e radicais; em diferentes contextos de atuação para profissionais de Educação Física.

Ao afirmar que as ementas nos ajudaram a refletir sobre a fala dos professores entrevistados, nos referimos, por exemplo, às questões ambientais que foram recorrentes durante as entrevistas.

Mesmo sem eu falar nada sobre questões ambientais, o professor levantou esse tema. Será que pelo fato de não dominar as Atividades de Aventura, ele se ateve mais às questões ambientais? Ele alegou ter dificuldade em trazer as Atividades de Aventura para a aula em função dos poucos estudos disponíveis. Talvez por essa razão, ele dedique mais tempo para outros temas como o meio ambiente (Notas do Diário de Campo, 2019).

Observamos que temas relacionados ao meio ambiente estão presentes em todas as ementas. Os professores entrevistados explicitaram que existem inúmeras dificuldades quando tentam buscar informações e capacitações específicas no âmbito das Atividades de Aventura. Apesar disso e também por esse motivo, eles optam por temas de aulas com foco no lazer, cultura e meio ambiente. Observamos que, se por um lado existem barreiras que dificultam a capacitação específica na área, por outro, é possível perceber alguns avanços quando vimos, por exemplo, a presença de temas de aulas com foco no lazer, cultura e meio ambiente (MARINHO; INÁCIO, 2013). Isayama (2018), ao examinar pesquisas que tratam da formação e atuação de profissionais junto à natureza, fala sobre a dificuldade em capacitação

específica nessa área. O trabalho de campo mostrou-nos que essa realidade também acontece nas IES visitadas.

Após analisar a transcrição de todas as entrevistas, observamos que, mesmo para perguntas distintas, muitas falas convergiam para um mesmo tema. Verificou-se, também, que algumas respostas se complementavam, até mesmo quando comparamos falas de diferentes entrevistados. *“Essa é a minha última entrevista com professores e todos eles falaram praticamente a mesma coisa em relação à falta de conteúdo disponível sobre Atividades de Aventura”* (Notas do Diário de Campo). Por esse motivo, no intuito de organizar as reflexões e, conseqüentemente, promover melhor entendimento dos resultados desse estudo, optamos por estabelecer três categorias de conteúdo que destacassem os temas mais recorrentes nas falas dos participantes.

A categoria 01 foi denominada Trajetória de Formação dos Professores e Gestores. Criada não só para atender uma demanda que dialoga com os objetivos desse estudo, ela também apresenta a trajetória formativa tanto dos professores responsáveis por parte do processo de formação, quanto dos gestores que contratam profissionais para atuarem no âmbito das Atividades de Aventura.

A categoria 02 foi denominada Mercado, Formação e Atuação. Essa categoria visa apresentar as ideias sobre o que tem sido planejado pelos professores entrevistados, quando pensam em formar profissionais para o mercado de trabalho. Além disso, apresentamos, nessa categoria, as expectativas dos gestores quanto ao perfil profissional compatível com as necessidades de suas empresas. Também abordamos as aproximações e os distanciamentos entre as IES e as expectativas do mercado de trabalho.

A categoria 03 foi denominada Lazer e Meio Ambiente. Ela visa apresentar como os professores e gestores entrevistados entendem a relação entre lazer, meio ambiente e Atividades de Aventura. A criação dessa categoria justifica-se não só pelo fato de entendermos o desenvolvimento sustentável como algo indissociável das Atividades de Aventura, mas por termos observado o meio ambiente como tema recorrente nas falas de todos os participantes.

4.2 Categoria 1 - Trajetória de Formação dos Professores e Gestores

Ao serem questionados sobre sua trajetória de formação no âmbito das Atividades de Aventura, os professores entrevistados relataram que suas experiências se deram no âmbito do lazer, com a realização de acampamentos, caminhadas na mata, atividades em altura, *motocross*, *moutain bike*, dentre outras. Nenhum deles participou de algum curso, formação ou qualificação específica com foco nas Atividades de Aventura.

Eu fiz trilha de moto quando era jovem... quando tinha por volta de 20 anos, mais ou menos. Eu fiz muita trilha ao redor de Belo Horizonte... Eu fazia na prática, né. Aprendia com os próprios erros. Também sou de uma geração de muito acampamento. Tudo que eu sei de esporte de aventura aprendi na prática mesmo (Ent. 1. P. A. Q. 1).

Percebi que o professor responsável pela disciplina não foi contratado para ocupar essa vaga. Ele ministra outros conteúdos e, pelo fato de gostar dessa temática, aceitou o convite para lecionar essa matéria. Nenhum conhecimento técnico específico foi exigido para que ele ocupasse esse cargo. Soa como se a disciplina fosse uma “batata quente” e caiu no colo dele. O lado positivo dessa situação é que, pelo menos, ele sente afinidade com as Atividades de Aventura (Notas do Diário de Campo).

Tanto essa fala do entrevistado quanto o fragmento do diário de campo caminham no sentido de afirmar a hipótese proposta por Isayama (2018) que, ao examinar pesquisas que tratam da atuação e da formação dos profissionais junto à natureza, verificou que existem dificuldades em promover uma capacitação específica para atuar com essas práticas. Entendemos que essas dificuldades não se restringem àqueles que estão no campo de atuação, mas se estendem para a realidade dos professores das IES. Observamos que as especialidades dos professores entrevistados são basquete, futsal, futebol, voleibol, dentre outras modalidades olímpicas. Nenhum dos entrevistados participou de alguma formação com foco nas Atividades de Aventura.

Pude perceber uma certa angústia e um pouco de vergonha quando o professor disse que não tinha segurança para se aprofundar nos temas inerentes às Atividades de Aventura. Apesar de assumir que não tinha propriedade no assunto, se mostrou disposto a aprender. Além disso, falou sobre a vontade de fazer cursos nessa área, mas não sabe como começar. Inclusive me pediu algumas sugestões de materiais para estudo e lugares onde poderia se qualificar (Notas do Diário de Campo).

Eu não me formei nessa área de aventura e não tenho experiências concretas. Eu me formei na área esportiva... mais futsal mesmo. Mas eu

gosto de esportes na natureza, eu gosto de passear. Desde novo eu gosto muito de bicicleta, de patins, sempre gostei de subir em árvores e, na adolescência, eu acampava muito. Eu tive uma equipe de enduro à pé na faculdade, quando eu estava fazendo a minha graduação. As coisas que sei fui aprendendo assim mesmo (Ent. 4. P. D. Q. 1).

Observamos que, de modo geral, as disciplinas foram assumidas por professores que, por sentirem afinidade com o tema ou por terem vivenciado em algum momento da vida as Atividades de Aventura, esforçam-se para se aprimorar e buscar conhecimento específico na área.

Em se tratando dos gestores, vimos que eles se formaram em áreas distintas: Educação Física, engenharia civil, comércio exterior e turismo. Diferente do que foi observado em relação aos professores das IES, os gestores demonstram ter bastante propriedade e domínio prático das Atividades de Aventura.

A minha família é de escaladores. A minha relação com a escalada vem desde que nasci... Pra mim isso é natural e eu nem sei quando comecei a mexer com isso. A aventura é algo comum pra mim... é todo mundo lá de casa que escala, entende (Ent. 5. G. A. Q. 1).

Pensei que, pelo fato dele ser o responsável por gerir a empresa, o gestor não estaria envolvido com a aventura. Também pensei que o foco de trabalho dele seria somente a gestão, mas me enganei. Além de administrar diversos setores da empresa, ele pratica escalada diariamente, treina outros escaladores e até em seus momentos de lazer a escalada está presente. Ele fala da escalada com muita paixão e propriedade no assunto (Notas do Diário de Campo).

A experiência prática e a vivência cotidiana com Atividades de Aventura foram elementos apontados por unanimidade entre os gestores, uma vez que, além de se qualificarem em suas respectivas áreas de atuação, eles ofertam cursos, aulas e palestras no âmbito da aventura.

Eu nunca tive nenhuma formação na área da Educação Física, mas dou aula pra vocês de escalada, por exemplo. Todo semestre vem as turmas das faculdades aqui pra aprender com a gente. A minha vivência é predominantemente prática em escalada e corrida de aventura. Já fiz muitos cursos, mas hoje eu dou os cursos. É claro que tem um ou outro que a gente faz pra atualizar, né... mas, normalmente, é com gringo (Ent. 6. G. B. Q. 1).

Observamos que a origem do processo formativo dos gestores se deu, a princípio, por meio de cursos específicos na área e, em seguida, através da formação

continuada, caracterizada pela prática associada a cursos mais específicos. Em algumas situações, eles participam de cursos de reciclagem, palestras ou eventos que apresentam as inovações no âmbito da aventura.

A busca pela experiência prática é uma realidade tanto na rotina dos professores quanto dos gestores entrevistados. Entendemos que não há hierarquia entre conhecimentos adquiridos de maneira empírica ou institucional, mas, sim, uma construção cultural que valoriza determinados processos formativos em detrimento de outros. Estudos propostos por um grupo relevante de autores (FILHO, 2006; PAIXÃO; TUCHER, 2010; PAIXÃO, 2011; AURICCHIO, 2017) retratam que tanto os saberes advindos da prática quanto os saberes sistematizados podem auxiliar a atuação profissional. Por esse motivo, os saberes advindos da prática também devem ser considerados processos formativos.

O certo mesmo seria fazer curso, mas na minha época não tinha. Então o jeito era aprender fazendo mesmo. Não tinha internet nem nada e a gente aprendia com as outras pessoas e ia ensinando também. Se tivesse curso, eu tinha feito sim. Hoje é mais fácil porque tem tudo aí na internet (Ent. 6. G. B. Q. 1).

Apesar de entendermos a importância dos saberes adquiridos por meio da prática, acreditamos que essa forma de compartilhar conhecimento não deveria ser a única estratégia adotada pelos mediadores que atuam nos processos de formação.

Voltando a falar dos gestores...

Antes de iniciar a entrevista, a primeira impressão que tive em relação ao gestor é que ele seria um visionário, mas com foco apenas no dinheiro. De fato, o dinheiro tem grande importância pra ele, entretanto o cuidado com o meio ambiente está diretamente associado ao negócio. Além de ser um ativista, participa de grupos voluntários de proteção aos animais, combate a queimadas, dentre outros. É como se ele adotasse esses valores para a empresa e repassasse isso para todos que nela trabalham (Notas do Diário de Campo).

Observamos que existe uma linha ideológica seguida pelos gestores e que aponta para a valorização da educação ambiental. Entendemos que isso é um aspecto positivo, tendo em vista a ideia dos gestores em promover princípios dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Esta também é a defesa realizada por Gomes, Isayama e Stoppa (2001), quando chamam a atenção para que o

profissional do lazer não fundamente sua atuação apenas na ideia de divertir pessoas para atender uma demanda da indústria cultural, por meio do consumo alienado de determinados conteúdos culturais.

Andar no mato por andar qualquer um anda... Se for pra fazer isso, nem precisa da gente. As pessoas têm que entender a importância da natureza. Quem quer trabalhar nessa área não pode só pensar no dinheiro... tem que ensinar a cuidar da natureza... não jogar lixo e tudo mais (Ent. 4. P. D. Q. 1).

Nessa fala, é possível perceber como o professor consegue colocar em prática alguns princípios contidos na Agenda 2030. Ao materializar os propósitos em prol do desenvolvimento sustentável por meio de ações práticas, o professor demonstra maestria na condução das aulas, pois se preocupa em apresentar aos alunos os cuidados que precisam ser tomados quando interagimos com o meio ambiente silvestre.

Na verdade, o conhecimento prático no âmbito das Atividades de Aventura precisa estar associado sobretudo ao desenvolvimento sustentável, ao cuidado com o meio ambiente, ao respeito à natureza e a outros elementos direta e indiretamente ligados à educação ambiental. É preciso, dentre outros aspectos, dominar conteúdos ligados à preservação do meio ambiente (PAIXÃO, 2015).

Tem como falar dessas coisas sem falar de natureza? Não tem, né. A gente trabalha com educação e se na formação desses meninos a gente não insistir nessa tecla, não tem como. Eles têm que entender que a natureza tá pra gente usar, mas não é pra usar até acabar. Tem que saber usar. Saber preservar. Porque se continuar desse jeito, no futuro, não vai ter nada. Na verdade, nem o futuro vai ter, né (Ent. 3. P. D. Q. 1).

Essa categoria nos mostrou que a trajetória de formação tanto dos professores quanto dos gestores teve como base a vivência prática e, sobretudo, o cuidado com o meio ambiente. Os professores entrevistados, apesar de não terem qualificação específica no âmbito das Atividades de Aventura, possuem afinidade com o tema e mostraram-se dispostos a se aprofundar no assunto, por meio de formações, cursos, palestras, dentre outros. Os gestores entrevistados, além de terem uma trajetória de formação prática voltada para o âmbito das Atividades de Aventura, buscam qualificação no intuito de acompanhar as tendências de mercado e saciar necessidades pessoais em prol de seus momentos de lazer.

4.3 Categoria 2 - Mercado, Formação e Atuação

Observamos que, em se tratando dos professores entrevistados, existe a intenção de apresentar as Atividades de Aventura como uma nova tendência de mercado e possibilidade de atuação para professores de Educação Física. Convidar especialistas para abordar o tema, fazer visitas técnicas e compartilhar textos sobre aventura são algumas das estratégias adotadas para compor as aulas, quando o assunto é mercado de trabalho.

Isso é um mercado novo, claro. Eu vejo que tem poucos professores atuando nesse mercado. Apesar da demanda ser alta, falta mão de obra qualificada. Por isso é importante ter gente lá (Ent. 3. P. C. Q. 3).

Eu convido pessoas especialistas. Essa já é a quarta edição da disciplina e todas as vezes nós trouxemos convidados. Como não domino o conteúdo, prefiro trazer quem sabe falar sobre o assunto pros meninos. Também gosto de levar o pessoal em Brumadinho pra fazer arvorismo. Sempre que possível, a gente tenta levar os meninos (Ent. 1. P. A. Q. 4).

Tenho procurado ler sobre o assunto. Textos acadêmicos de alguns autores que utilizo na disciplina e também uso a internet. Gosto de ler artigos sobre esse assunto e compartilho isso com os estudantes (Ent. 3. P. C. Q. 7).

A prática dos esportes de aventura vem se constituindo como um fenômeno sociocultural esportivo amplo e um campo de intervenção emergente para os profissionais da área de Educação Física (RAMOS; NASCIMENTO, 2019). Cientes dessa realidade, os professores entrevistados disseram que os profissionais de Educação Física ainda não ocupam esse espaço de maneira expressiva. Por esse motivo, incentivam e estimulam seus alunos a buscarem oportunidades de atuação na área:

A minha intenção é facilitar a compreensão das atividades desta natureza e como elas se situam dentro do mercado de trabalho. Isso porque tem pouca gente atuando lá... eu mesmo nem conheço ninguém. A gente vê que são poucos profissionais de educação física trabalhando ali e nós entendemos que eles deveriam ser qualificados pra isso. Sensibilizar o aluno pra isso é importante. Desenvolver as competências essenciais e dar uma visão de como acontece as atividades na natureza e como é que isso está dentro da realidade mundial. A gente pensa em formar alguém que seja capaz de gerir as atividades e produzir projetos trabalhando, principalmente, com a gestão, planejamento e a formação de outros profissionais (Ent. 1. P. A. Q. 2).

Observamos que, de maneira geral, a fala dos professores sempre retoma os desafios encontrados quando abordam as Atividades de Aventura como conteúdos

dentro da Educação Física. Uma das justificativas recorrentes é o fato de considerarem as Atividades de Aventura um tema recente na área.

Isso tudo é muito novo, né. A BNCC colocou os esportes de aventura como obrigatório não tem nem dois anos direito. A gente tem que se virar pra conseguir passar alguma coisa pros alunos. É tudo muito novo e não tem quase nada aí disponível. No ano que vem, essa disciplina será obrigatória pra licenciatura e bacharelado e eu quero só ver como a gente vai fazer (Ent. 3. P. C. Q. 6).

Ao trazer a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o professor entrevistado destaca a inclusão das Atividades de Aventura como conteúdo da Educação Física no ensino fundamental. Homologado em 14 de dezembro de 2017, esse documento criado pelo Ministério da Educação define vários temas que os professores de todas as disciplinas devem abordar durante as aulas (BRASIL, 2017b). No caso da Educação Física, os conteúdos foram subdivididos em seis⁵⁸ temas e as Atividades de Aventura aparecem na unidade temática seis, com o nome Práticas Corporais de Aventura.

Em se tratando dos gestores entrevistados e de seu posicionamento em relação à formação e à atuação profissional, observamos uma tendência para expressar frustração em relação às expectativas acerca dos profissionais de Educação Física. Os gestores alegam que esse profissional não consegue atender algumas demandas que o mercado exige e ainda sugerem que as IES deveriam rever e atualizar os processos de formação, no intuito de acompanhar as necessidades do mercado.

Eu acho que essa preparação na universidade é muito limitada. Nós estamos aplicando uma formação que copia um modelo arcaico. A gente está preparando os nossos educadores físicos para dar aula no passado. Hoje o esquema é outro. Quando se trabalha psicologia do esporte, é sempre voltado para o alto rendimento e as oportunidades de trabalho real não são pra alto rendimento. Estão falando de psique baseado em atleta olímpico e a gente está lidando com uma criança que está sofrendo bullying, depressão e por aí vai. A universidade está formando pessoas que não atendem ao que a gente precisa. Você está praticamente colocando uma pessoa aí como se fosse um velho no mercado, entendeu? Não tem nada a ver com a demanda... nada a ver, cara (Ent. 5. G. A. Q. 5).

⁵⁸ Unidades temáticas da Educação Física para o ensino fundamental: brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura. Disponível em: <https://impulsiona.org.br/saiba-tudo-sobre-a-bncc-da-educacao-fisica/>. Acesso em: 09 abr. 2020.

Em relação às críticas apresentadas, é possível supor que elas não tenham relação direta com a dimensão da aventura e da Educação Física, mas, sim, ao modelo de ensino que é utilizado pelas IES. Entendemos que assuntos como compreensão do mercado de trabalho, atendimento ao cliente e administração são competências de todas as áreas.

Eu percebo que o profissional de Educação Física é muito imaturo nas escolhas profissionais. É um profissional que precisa ser muito trabalhado e, por isso, eu tenho aqui um certo alinhamento com as pessoas que contrato. Então, aqui hoje eu tenho uma turma muito boa, mas é moldada de acordo com a minha visão de mercado. Essa visão não vem da faculdade e eu acho isso absurdo. As pessoas saem da faculdade sem a mínima noção de mercado. Então, eu acho que as pessoas estão muito doutrinadas a trabalhar com esportes específicos, principalmente academia, basquete, handebol, vôlei, queimada e futebol. O profissional que se forma hoje seria ótimo para trabalhar na década de 80 (Ent. 5. G. A. Q. 4).

Para refletir sobre esses pontos de vista, deveríamos discutir questões de currículo. A profundidade desse tema, porém, requer esforços que poderiam desviar o foco desse estudo. Por isso, optamos por não trazê-lo, deixando, assim, uma sugestão para que essa abordagem seja explorada em novas oportunidades de estudo. Apesar disso, escolhemos manter as falas dos gestores, que expressaram o desejo de mudanças curriculares no ensino superior.

Eles conversam de lá e a gente conversa de cá. No final, ninguém conversa com ninguém. Quando a gente tenta alguma aproximação, não adianta. Eles deveriam vir até a gente, mas eles não virão nunca. As atividades de aventura estão aí, o crossfit e tantas outras coisas novas, mas eles vão continuar insistindo em futebol, basquete, vôlei e handebol. Isso é mais cômodo... é mais fácil manter esse quarteto fantástico (Ent. 5. G. A. Q. 5).

Dentre as soluções propostas para repensar os processos de formação, os gestores sugerem que as IES deveriam, em um primeiro momento, dialogar com as pessoas que atuam no mercado de trabalho e, em seguida, refletir sobre as necessidades do mercado, avaliando em que medida essas contribuições poderiam influenciar uma nova forma de pensar a formação dos profissionais em Educação Física.

Um artigo divulgado no site⁵⁹ Desafios da Educação enfatiza como o mercado de trabalho está reconfigurando o ensino superior. Dentre as principais causas dessa

⁵⁹ Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br>. Acesso: 03/04/2020.

mudança, destaca-se a tecnologia que, complementando o modelo tradicional de ensino, apresenta novas ferramentas que auxiliam os professores durante as aulas.

Essa nova dinâmica de trabalho está reconfigurando o mercado. Eis a razão pela qual muitas instituições de ensino superior estão redesenhando suas matrizes curriculares, e oferecendo aos estudantes qualificação que transcende as disciplinas obrigatórias (CRUZ, 2018, p. 56).

Conforme observado por Isayama (2018), o profissional do lazer que atua no âmbito das Atividades de Aventura terá maior eficácia se associar sua ação ao caráter político de intervenção, com vistas à melhora das condições de vida na comunidade, bem como desenvolver um papel pedagógico cultural, promovendo ações com sentido e significados que alterem a vida das pessoas.

A maioria das pessoas busca qualidade de vida, lazer ou emagrecer. Mas na faculdade o que é ensinado é o alto desempenho. Isso é o que mais se estuda e é o que menos se utiliza. A maioria das pessoas está buscando atividade física como lazer. A maioria não quer alto desempenho. Os profissionais precisam entender como vender, como atender, quais são as necessidades do cliente. O que falta no profissional de educação física é aprender a vender, desenvolvimento pessoal, entender de mercado e postura no trabalho (Ent. 8. G. C. Q. 6).

Por outro lado, Melo (2012) fala sobre o desafio em abandonar o essencial para atender o emergencial, afirmando que existe uma pressão crescente para que as universidades abandonem a expectativa de formação de seus alunos em favor de uma resposta muito imediatista diante de questões mercadológicas.

O profissional de Educação Física deveria ser o ideal, mas o que acontece... Existe uma dissociação muito grande entre a prática e a teoria. Muitas vezes o camarada chega lá e pode ter uma formação teórica muito forte, mas sem prática... Aí fica complicado. Você precisa de um camarada polivalente que tenha observância do que o lazer exige... ter jogo de cintura pra atender o público, mas isso raramente acontece. Desculpa falar, mas muitas pessoas que vêm trabalhar com a gente e não têm formação acadêmica nenhuma se saem bem melhor que os recém-formados. O prático tem uma agilidade mental, uma operacionalidade muito superior que o profissional de Educação Física. Desculpa falar (Ent. 6. G. B. Q. 3).

É importante ressaltar que o perfil profissional desejado pelos gestores aproxima-se do que foi dito tanto por Isayama (2018) quanto por Melo (2012). Entretanto, ao serem questionados sobre esse assunto, os gestores afirmaram que não é tarefa fácil encontrar um profissional que consegue associar o caráter político, pedagógico

e cultural às demandas emergentes de mercado. Características como proatividade e atendimento ao público foram exemplos de competências básicas que, segundo os gestores, muitos profissionais de Educação Física não dominam.

A gente pega desde quem já teve alguma experiência com escalada até quem é... nunca praticou. A gente não exige que a pessoa tenha técnica nenhuma, até mesmo porque a formação nós providenciamos aqui dentro. A parte técnica é fácil, o difícil é encontrar pessoas proativas. Se a pessoa não consegue falar bem, tratar o público bem e entender o que estamos vendendo, não nos atende. Na maioria das vezes, nós temos que investir muito tempo para qualificar os profissionais para a postura no trabalho em si... outras coisas que vão além das questões técnicas de escalada (Ent. 7. G. C. Q. 4).

Eu imaginava que os gestores procuravam profissionais que dominassem as Atividades de Aventura. Pensei que as críticas seriam nesse sentido, mas me enganei. Foi curioso perceber que o gestor não necessariamente exige que o profissional domine a atividade ou tenha competência técnica para executar o ofício. Pelo fato de saberem que é difícil encontrar alguém que domine a parte técnica, eles se preocupam com outras características, como atendimento ao público, proatividade, pontualidade, alegria, dentre outros. Ele afirmou que não é difícil treinar a parte técnica em um recém contratado (Notas do Diário de Campo).

O gestor apresentou várias ideias visando contribuir para o processo de formação profissional. As sugestões caminharam no sentido de incluir no currículo disciplinas com ênfase em psicologia, marketing, administração, atendimento ao público, dentre outros (Notas do Diário de Campo).

Ao analisar as respostas dos entrevistados, entendemos que o mercado das Atividades de Aventura foi percebido como possibilidade emergente de emprego para profissionais de Educação Física. As falas também sugerem que a formação profissional nesse campo ainda necessita de alguns ajustes, no sentido de maior domínio teórico, técnico e prático por parte dos professores das IES. Além disso, ao ver as sugestões dos entrevistados quando falavam em prol do aprimoramento profissional, interpretamos que uma aproximação por meio do diálogo entre os professores responsáveis pelas disciplinas nas IES e os gestores que atuam no setor das Atividades de Aventura poderia fomentar discussões e reflexões positivas, que culminariam numa melhor qualificação do profissional que almeja trabalhar nesse mercado.

4.4 Categoria 3 - Lazer e Meio ambiente

As Atividades de Aventura, entendidas como possibilidades de lazer que acontecem em ambientes silvestres, além de terem como finalidade satisfazer os desejos

individuais daqueles que escolhem utilizar seus momentos de folga com esse tipo de ocupação, podem ser entendidas como momentos de formação em prol da educação ambiental. Como todos os entrevistados estabeleceram relações entre lazer e meio ambiente, decidimos criar uma categoria específica para abordar o tema. A partir do entendimento que a prática das Atividades de Aventura constituiu-se como um fenômeno sociocultural esportivo amplo e tem se mostrado um campo de intervenção emergente para os profissionais da área de Educação Física, o papel do professor torna-se fundamental, sobretudo quando o foco é a preservação da natureza (BRASIL, 2019).

Essas atividades estão muito ligadas ao lazer e um pouco de esportivização. Eu acredito que elas estão muito ligadas a alguns momentos de lazer e isso é o ponto principal de inserção dentro do mercado. Eu procuro fazer a relação entre a atividade na natureza com os momentos de lazer. Falar sobre a melhora da qualidade de vida e a compreensão daquilo como momento de vivência privilegiada do lúdico e de contato com a natureza (Ent. 1. P. A. Q. 6).

Em se tratando dos professores entrevistados, entendemos como aspecto positivo o fato dos relatos apontarem que, ao ministrarem disciplinas com foco nas Atividades de Aventura, temas como o lazer e o meio ambiente fizeram parte das rotinas em sala de aula. O professor, ao dizer que procura fazer relação entre natureza e momentos de lazer, levou-nos a resgatar as ideias de Marinho (2001). Segundo a autora, as atividades na natureza permitem que as experiências na relação corpo-natureza expressem uma tentativa de reconhecimento do meio ambiente e dos parceiros envolvidos, favorecendo, ainda, um reconhecimento dos seres humanos como parte desse meio.

As atividades de aventura são práticas de lazer sim. O contato com a natureza é muito bom e é lazer. Eles tiveram a disciplina de lazer no semestre passado que abordava vários conceitos de lazer. Eu estou só retomando o conceito de lazer por meio da prática. Como eles já tiveram a disciplina de lazer, a gente agora vai repetir a mesma coisa, só que na prática (Ent. 2. P. B. Q. 6).

Além de estabelecer relações entre as Atividades de Aventura e o lazer, foi possível observar que os professores também trouxeram outros temas para as aulas, como por exemplo, o lazer como direito. Assim como Alves (2013) destaca a compreensão do lazer como direito social previsto na Constituição Federal de 1988, sendo direito

de todos, um dos professores entrevistados reforçou essa ideia dentro do contexto de formação. Esse fato mostra como esses mediadores buscam conectar os diversos temas que compõem a dimensão da aventura.

Essa questão do lazer e da natureza é tão importante que está na lei, estou certo? A gente fala sobre o lazer como direito, que está presente na Constituição e também que ele está diretamente relacionado com as atividades de aventura. Em BH, tem uma lei específica pra esportes de aventura (Ent. 4. P. D. Q. 6).

Ao longo das entrevistas, um fato que nos chamou atenção é que, embora não tenhamos utilizado nenhuma questão direta sobre a abordagem ambiental, o meio ambiente veio à tona, por meio de todas as falas dos professores. A opção por não colocar questões sobre meio ambiente no roteiro de entrevistas foi fundamentada na intenção de priorizar as Atividades de Aventura. Além disso, tínhamos o receio de que o tema meio ambiente se sobrepusesse ao nosso objeto central, mudando, assim, o foco do trabalho.

Meu maior intuito é levar os meninos pra conhecer uma prática de educação física diferente e também levar isso pra escola, pra academia... O contato com a natureza é muito importante (Ent. 2. P. B. Q. 2).

Observamos, então, que utilizar as Atividades de Aventura como subterfúgio para levantar questões sobre o cuidado com a natureza foi um fato recorrente entre os entrevistados. Ao contrário do que havíamos pensado, o tema meio ambiente não se sobrepôs às Atividades de Aventura. As falas dos professores mostraram que o meio ambiente e as Atividades de Aventura caminham lado a lado.

Dentro da educação física escolar as bases nacionais curriculares trazem o sexto eixo, que é o esporte de aventura. Isso é novo na escola e eu trilho por esse caminho. É dentro disso que eu trago a educação ambiental, o respeito à natureza, a preservação e o cuidado. Eu levo os meninos para terem aulas fora, por exemplo, ontem nós estivemos no Bairro Palmares. Então, o que eu procuro fazer também é levar os meninos pra lugares diferentes. Entender o meio ambiente na prática é melhor que aqui dentro da sala, não é mesmo? (Ent. 3. P. C. Q. 4).

Quando os professores demonstram estabelecer relações entre meio ambiente, Atividades de Aventura, Agenda 2030 e lazer adotam uma estratégia de ensino que se aproxima daquilo que Marcelino (1990) chama de veículo de educação. Segundo esse autor, entender o lazer como veículo de educação é considerar suas

potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Definição que também foi observada na fala dos professores, em vários momentos.

Quando eu monto a disciplina penso em proporcionar ao aluno o maior número de experiências em práticas diversas. A minha preocupação é trabalhar a conscientização do ambiente que nos cerca e a relação do ser humano com o meio ambiente (Ent. 3. P. C. Q. 2).

Apesar dos professores relatarem as dificuldades em trazer os temas que compõem as Atividades de Aventura, eles também disseram que o lazer e o meio ambiente foram os conteúdos mais abordados durante as aulas. O empenho desses profissionais em levantar discussões em prol do meio ambiente traz contribuições expressivas na formação daqueles que desejam atuar no âmbito das Atividades de Aventura. Por fim, estabelecer relações entre educação ambiental e Atividades de Aventura é uma das ações importantes durante o processo de formação profissional. Isso porque ao trazer temas como o cuidado com meio ambiente, o professor contribuiu para a formação dos alunos, ensinando-os, por exemplo, como utilizar os diversos ambientes, minimizando os impactos antrópicos e agindo em prol do desenvolvimento sustentável.

5 CONCLUSÃO

A discussão sobre formação e atuação profissional no âmbito das Atividades de Aventura não se encerra aqui. Os caminhos pelos quais o trabalho percorreu, à luz das Atividades de Aventura, mostraram que os processos de formação e a inserção do profissional de Educação Física nesse mercado possuem relação direta com o meio ambiente, bem como com os princípios do desenvolvimento sustentável. Por isso, as Atividades de Aventura, consideradas o principal tema desse trabalho, ganharam ainda mais importância quando foram associadas aos princípios da Agenda 2030. Essa aproximação foi observada por meio das falas de gestores e professores que, ao exercerem seus respectivos ofícios, trazem os objetivos do desenvolvimento sustentável tanto para o contexto de formação quanto para a atuação profissional.

O intuito do presente estudo foi investigar a participação que os professores e gestores exercem na inserção dos profissionais de Educação Física no contexto de mercado das Atividades de Aventura. Para isso, o objetivo geral priorizou investigar as aproximações e os distanciamentos existentes entre os saberes dos professores das IES e os desejos dos gestores, quando pensam em atender às demandas do mercado de trabalho da aventura em Belo Horizonte. Além disso, os objetivos específicos visaram investigar como os professores responsáveis pelos processos de formação entendem a inserção dos profissionais de Educação Física nas Atividades de Aventura e qual o perfil profissional ideal almejado pelos gestores para atuação no âmbito dessas atividades.

Ao analisar e interpretar as falas dos professores, observamos que a participação desses na inserção dos profissionais de Educação Física no mercado das Atividades de Aventura se deu por meio da influência que esses educadores exerciam sobre seus alunos. Isso porque, ao entenderem esse nicho de mercado como possibilidades de empregos para o campo da Educação Física, os professores empenharam esforços no sentido de trazer informações, apresentar e discutir temas relativos às Atividades de Aventura para enriquecer a formação dos estudantes. Contudo, não se pode negar que buscar conhecimento e apropriar-se da temática

apresenta-se como um desafio para os professores entrevistados, uma vez que tais atividades configuraram-se como uma novidade no campo da Educação Física.

A dificuldade para encontrar material teórico sobre Atividades de Aventura no âmbito da Educação Física foi um ponto observado pelos professores das IES. A explicação para essa escassez de informações pode ser entendida sobretudo pelo fato das Atividades de Aventura serem consideradas conteúdos novos nessa área de conhecimento. Haja visto que, conforme dito no capítulo anterior, as práticas corporais de aventura só foram incorporadas na BNCC, em abril de 2018⁶⁰. Outra realidade que não favoreceu a apropriação das Atividades de Aventura por parte desses professores foi o fato de que o contato com essa temática restringiu-se à preparação das aulas para a disciplina, à execução das aulas teóricas e, em momentos esporádicos, vivências de lazer. Além disso, nenhum deles fez alguma capacitação específica nessa área.

Diante do desafio enfrentado pelos professores ao buscar informações acerca da temática, apresentamos uma sugestão para que o ofício docente nesse campo seja aprimorado. Além de viabilizar a participação desses educadores em cursos de capacitação específicos, outra ideia seria favorecer aproximações com gestores e profissionais que atuam nesse ramo, para que, juntos, possam construir e melhorar, ainda mais, os processos de formação nas IES.

Por outro lado, existem aspectos positivos em relação aos processos de formação que precisam ser destacados. Constatar que os professores entrevistados estão alinhados com os princípios da Agenda 2030, bem como com os objetivos do desenvolvimento sustentável, é uma vitória para a humanidade e para o meio ambiente. O cuidado com a natureza foi uma ideia bem defendida e fundamentada por eles. Essa abordagem por parte desses mediadores enriquece o processo de formação, fazendo com que os alunos tenham a oportunidade de discutir assuntos em prol da coexistência harmônica entre os seres humanos e os recursos que a natureza dispõe. Destacamos, ainda, que o tema meio ambiente veio à tona em função da manifestação espontânea dos professores entrevistados. Isso porque não

⁶⁰ Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>. Acesso em: 11 ago. 2019.

foi levantada nenhuma questão sobre meio ambiente durante as intervenções. Conforme dito no capítulo anterior, ao optar por não colocar questões sobre meio ambiente no roteiro de entrevistas e tampouco chamar a atenção para essa temática, pensamos que esse assunto não viria à tona, já que a ideia inicial seria discutir apenas as Atividades de Aventura. Havia receio de que os assuntos acerca do meio ambiente se sobrepusessem à temática central, distorcendo o foco do trabalho. Entretanto, os resultados encontrados contrariaram essas expectativas, mostrando como as Atividades de Aventura e o meio ambiente se complementam.

Em se tratando da participação dos gestores no processo de inserção dos profissionais de Educação Física no contexto das Atividades de Aventura, observamos que essa relação acontece por meio dos processos de contratação para o trabalho. Além disso, constatou-se que os anseios e expectativas em relação aos profissionais de Educação Física não se restringem aos saberes específicos da área, mas consideram as dimensões do universo corporativo laboral.

Ao dizer que os gestores buscam profissionais que tenham conhecimento da dimensão corporativa laboral, estamos nos referindo à valorização de competências como proatividade, eloquência, pontualidade, criatividade, atendimento ao cliente, dentre outros atributos diretamente ligados ao trabalho formal. Por esse motivo, a principal busca dos gestores vai além daquilo que as especificidades da Educação Física e das Atividades de Aventura têm a oferecer como conteúdo, já que as competências valorizadas pelos contratantes são inerentes a quaisquer áreas de trabalho.

Como as principais críticas dos gestores entrevistados em relação aos profissionais disponíveis no mercado extrapolam a dimensão específica das Atividades de Aventura, entendemos que pode haver uma necessidade de complementar os processos de formação, dando ênfase a uma qualificação geral voltada para o trabalho. Diga-se de passagem, essa foi uma das sugestões propostas por um dos gestores entrevistados. A preferência por contratar pessoas que já trabalharam em quaisquer outras áreas ou demonstram conhecimento e vontade de aprender a rotina laboral da empresa foi unanimidade entre os gestores entrevistados.

Ao serem questionados sobre o tipo de profissional desejado pela empresa, esperávamos que respostas dos gestores caminhassem no sentido de ressaltar as especificidades das Atividades de Aventura. Como essa temática não foi levantada por nenhum deles, decidimos perguntar de maneira direta qual seria o posicionamento da empresa em relação à carência de profissionais com conhecimento específico na área. Constatamos que, durante o processo de contratação, os gestores não possuem expectativas em relação a esse tipo de competência. O domínio técnico específico em Atividades de Aventura é um ponto positivo, contudo não é determinante para a contratação, já que as empresas oferecem cursos e treinamentos para os profissionais recém-contratados. Por consequência, contratar um profissional que não domina as Atividades de Aventura não foi considerado um problema. Os gestores acreditam, ainda, que seria melhor admitir um leigo que já tenha outras experiências de trabalho, a contratar um *expert* no assunto que não tenha afinidade com rotinas laborais.

Junto às críticas, algumas sugestões foram propostas pelos gestores, com a intenção de aprimorar o processo de formação nas IES. Todas elas caminharam no sentido de construir processos de formação com ênfase no desenvolvimento pessoal, atendimento ao público, administração, psicologia, dentre outras necessidades do universo corporativo. Diante disso, reforçamos a ideia de que o diálogo entre gestores e professores seria uma alternativa coerente, tanto para que as empresas possam contribuir para a formação profissional dos estudantes que saem das IES, quanto para que os professores tenham mais elementos para discutir e complementar os processos de construção formativa dos alunos.

Ao sugerimos uma aproximação entre os professores das IES e os gestores que atuam no mercado das Atividades de Aventura, chamamos atenção para o fato de que não pretendemos induzir um processo formativo para atender, pura e simplesmente, uma demanda de mercado. A aproximação a qual nos referimos deve priorizar o diálogo e considerar ambos os pontos de vista, de modo que os saberes e os desejos possam coexistir em prol de processos formativos de qualidade, embasados nas competências técnicas, no lazer e, sobretudo, no desenvolvimento sustentável.

Ao abrirmos esse último capítulo, afirmamos que a discussão sobre formação e a atuação profissional no âmbito em questão não se encerra aqui. As reflexões, provocações, conclusões e sugestões propostas nesse estudo foram construídas no intuito de apresentar mais elementos para promover as Atividades de Aventura.

Por fim, resta-nos enfatizar que esse legado visa contribuir não somente com a formação e a atuação profissional no âmbito das Atividades de Aventura, mas, sobretudo, com a valorização dos objetivos do desenvolvimento sustentável por meio dessa dimensão do lazer.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz. A corrida do ouro e da energia renovável. **Cidadania & Meio Ambiente**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 34-34, 2010.

ALVES, José Eustáquio Diniz. Cerrado: destruição injustificável. **Cidadania & Meio Ambiente**, Rio de Janeiro, v. 37, p. 24-25, 2012.

ALVES, José Eustáquio Diniz. Especismo e ecocídio: a destruição da Amazônia. **Cidadania & Meio Ambiente**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 24-27, 2013.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **Preservação e conservação da natureza**. 2017. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2017/12/20/preservacao-e-conservacao-da-natureza-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 19 nov. 2019.

AURICCHIO, Paulo. Percepção ambiental de alunos da educação básica sobre a fauna no ambiente escolar. **Educação Ambiental em ação**, v. 61, p. 1-7, 2017. Disponível em: <http://revistaea.org/artigo.php?idartigo=2936>. Acesso em: 19 nov. 2019.

BARBANTI, Valdir. O que é esporte. **Revista brasileira de atividade física e saúde**, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2006. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/833>. Acesso em: 20 mar. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Pinheiro, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELO HORIZONTE. **Lei nº 10.560**, de 28 de novembro de 2012. Institui a política municipal de fomento para criação do polo dos esportes radicais e de aventura. Belo Horizonte: Câmara Municipal, 2012. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/b/belo-horizonte/leiordinaria/2012/1056/10560/le%20i-ordinaria-n10560-2012-institui-a-politica-municipal-de-fomento-para-criacao-do-pol%20o-dos-esportes-radicaais-e-de-aventura>. Acesso em: 27 out. 2018.

BETRAN, Javier Oliveira. **Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha**: as atividades físicas de aventura na natureza. São Paulo: Hucitec, 2003.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9795/1999**, de 27 de abril de 1999. Brasília: Senado Federal, 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 20 jan. 2019.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Brasília: Senado Federal, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002_12.pdf. Acesso em: 20 dez. 2019.

BRASIL. **A prática de Esporte no Brasil**. Ministério do Esporte. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/2.html>. Acesso em: 07 mar. 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação Física. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=78231-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf1&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 05 fev. 2018.

BRASIL. **COE admite cinco novos esportes no programa olímpico**. Brasília: Ministério do Esporte, 2016a. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/noticia/coi-admite-cinco-novos-esportes-no-programa-olimpico>. Acesso em: 27 out. 2018.

BRASIL. **Brasil é apontado como o primeiro do mundo para aventura**. Brasília: Ministério do Turismo. 2016b. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/5898-brasil-%C3%A9-apontado-como-o-primeiro-do-mundo-para-esportes-radicaais.html>. Acesso em: 10 fev. 2019.

BRASIL. **Ministério do meio ambiente reforça ações para conter danos ambientais**. Instituto Chico Mendes de Biodiversidade. 2019. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/10200-mma-reforca-aco-es-para-conter-danos-ambientais>. Acesso em: 13 nov. 2019.

BRASIL, Vinícius Zeilmann; RAMOS Valmor; NASCIMENTO; Juarez Vieira. **Intervenção profissional nos esportes de aventura: uma perspectiva conceitual à formação e à investigação**. Porto Alegre: Movimento, 2019.

BRUHNS, Heloísa Turini. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 86-91, 1997.

BRUHNS, Heloísa Turini. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. *In*: MARINHO, A.; BRUHNS, Heloisa Turini (org). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p. 182-195.

CORREA, Evandro Antônio. **Formação do profissional de educação física no contexto das atividades físicas de aventura na natureza**. Dissertação (Mestrado em ciências da Motricidade). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade, Instituto de Biomecânica de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

COSTA, Alcides, Vieira. As AFAN como conteúdo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *In*: UVINHA, Ricardo Ricci. **Turismo de Aventura: reflexões e rendências**. São Paulo: Aleph, 2005.

COSTA, Vera Lúcia de Menezes; TUBINO, Manoel José Gomes. **A aventura e o risco na prática de esportes vinculados à natureza**. Rio de Janeiro: Motus Corporis, 1999.

CRUZ, Fernanda La. **Como o mercado de trabalho reconfigura o ensino superior**. 2018. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/mercado-de-trabalho-ensino-superior/>. Acesso em: 03 abr.2020.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; ALVES, Edmundo de Drummond Júnior. Notas Conceituais Sobre os Esportes na Natureza. **Revista digital Buenos Aires**, n.114, novembro, 2007. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd114/notas-conceituais-sobre-os-esportes-na-natureza.htm>. Acesso em: 07 abr. 2019.

DUARTE, Regina Orta. À Sombra do Ficus: Cidade e Natureza em Belo Horizonte. **Ambiente Social**, Campinas, v. 10, n. 2, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414753X2007000200003. Acesso em 28 dez. 2019.

FABIANCIC, Niky. **Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil: Atividades Físicas e Esportivas Para Todas as Pessoas**. Brasília: PNUD, 2017.

FLICK, Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira; STOPPA, Edmur Antônio. **Lazer e Mercado**. Campinas: Papirus, 2001.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.3-20, abr., 2014.

GABRIEL, Thiago. **Vamos falar sobre aquecimento global?** Gren Peace, 2 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.greenpeace.org/brasil/blog/vamos-falarsobreaquecimentoglobal/?gclid=CjwKCAiA_f3uBRAmEiwAzPuaMNpTqXWZBAM6SIRIcRuQPg88J22jTDQr22qlqA_XM-vVYVVmMXRKR0CMDMQAvD_BwE> Acesso em: 28 nov. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **IBGE Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>. Acesso em: 19 maio 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **Censo demográfico 2010**. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: mar. 2019.

INÁCIO, Humberto Luiz de Deus. Educação Física e Ecologia: dois pontos de partida para o debate. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 133-136, 1997.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Formação e atuação profissional em políticas públicas de esporte e lazer**: estudos e pesquisas. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing**: A edição de um novo milênio. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LUNA, Sérgio Vasconcelos. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1999.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1990.

MARINHO, Alcyane. **Da aceleração ao pânico de não fazer nada**: corpos aventureiros como possibilidade de resistência. Barueri: Manole, 2003.

MARINHO, Alcyane. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **RBCE**, Campinas, v. 22, n. 2, p.143-153, 2001.

MARINHO, Alcyane; BERNARDES, Luciano Andrade. **Atividades e esportes de aventura para profissionais de educação física**. São Paulo: Phorte, 2013.

MARINHO, Alcyane; INÁCIO, Humberto Luiz de Deus. Educação física, meio ambiente e aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 55-70, maio 2007.

MARINHO, Alcyane; INÁCIO, Humberto Luiz de Deus. Educação Física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 55-70, 2013.

MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gisele Maria. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. **Efdeportes.com**, Buenos Aires, n. 88, set., 2005. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd88/avent.htm>. Acesso em 20 ago. 2019.

MARINHO, Alcyane; SANTOS, Priscila Mari dos; FARIAS, Gelcemar Oliveira. Competências e formação profissional: reflexões sobre um projeto de ensino. **Revista Brasileira de Ciência & Movimento**, v. 20, n. 3, p. 46-54, 2012.

MEIRELES, Magali Rezende Gouvêa; CEDÓN, Beatriz Valadares. Aplicações práticas dos processos de análise de conteúdo e de análise de citações em artigos relacionados a redes neurais artificiais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p.77–93, 2010.

MELO, Vitor Andrade. **Introdução ao Lazer**. São Paulo: Manole, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

OCEANIA. **Nota de repúdio à autorização para exploração de petróleo próximo a Abrolhos.** Disponível em: <https://brasil.oceana.org/pt-br/imprensa/comunicados-a-imprensa/nota-de-repudio-autorizacao-para-exploracao-de-petroleo-proximo>. Acesso em: 13 nov. 2019.

ONU. **Transformando o Nosso Mundo: Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.** 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2020.

PAIXÃO, Jairo Antônio. Risco e aventura no esporte e na percepção do instrutor. **Psicologia e Sociedade** [Impresso], v. 23, p. 415-425, 2011.

PAIXÃO, Jairo Antônio. Entre a Aventura a o Risco: Formação e Atuação Profissional de Instrutores de Esporte de Aventura no Estado de Minas Gerais. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 257-271, 2015.

PAIXÃO, Jairo Antônio; TUCHER, Guilherme. Prática de parapente e comportamentos de risco: uma análise a partir do conceito de redoma sensorial. **Psicologia em estudo**, Maringá, Paraná, v. 15, p. 567-574, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v15n3/v15n3a14.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2020.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. **Aventuras de Lazer na Natureza: o que buscar nelas?** São Paulo: Manole, 2006.

PNUD. **Os objetivos do Desenvolvimento Sustentável: dos ODM aos ODS.** 2015. Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/post-2015.html>. Acesso em: 06 out. 2019.

PORTAL G1. **Manchas de óleo no litoral atingem mais de 500 locais no Nordeste e Sudeste.** 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/desastre-ambiental-petroleo-praias/noticia/2019/11/13/manchas-de-oleo-no-litoral-atingem-mais-de-500-locais-no-nordeste-e-sudeste.ghtml>. Acesso 18 nov. 2019.

RAMOS, Valmor; NASCIMENTO, Juarez Vieira. **Conheça a Agenda 2030.** Disponível em: <http://www.agenda2030.org.br/sobre/>. Acesso em: 11 ago. 2019.

REQUIXA, Renato. **Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer.** São Paulo: SESC, 1980.

SERRANO, Célia Maria de Toledo; BRUHNS, Heloisa Turini. **Viagens à Natureza.** São Paulo: Papyrus, 2007.

SPRADLEY, James. **Participant Observation.** New York: Rinehart and Winston, 1980.

SWARBROOKE, John. **Turismo de Aventura: Conceitos e estudos de casos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

TEIXEIRA, Ib. Lazer, a indústria do novo milênio. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, v. 53, n.11, p. 25-27, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UFMG. **Entenda os danos ambientais causados pela tragédia de brumadinho**. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/brumadinho-entenda-os-danos-ambientais-causados-pela-tragedia>. Acesso em: 13 nov. 2019.

UNITED NATIONS. **Declaração**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, lazer e esportes radicais**. São Paulo: Manole, 2001.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Turismo de Aventura: Reflexões e Tendências**. São Paulo: Aleph, 2005.

ZAGO, Nadir. **A entrevista e seu processo de construção**: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

APÊNDICES

A – GUIAS DE ENTREVISTA

GUIA DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

GUIA DE ENTREVISTA PARA O PROFESSOR

Nome do Entrevistado:

Cargo:

Data de entrada no exercício das atividades laborais:

Local da entrevista:

Data da entrevista:

1. Fale da sua trajetória de formação nas atividades de aventura.
2. Fale sobre suas intenções quando atua na formação dos profissionais de Educação Física para atuar no âmbito das atividades de aventura.
3. Fale sobre a sua percepção acerca do mercado de trabalho inerente às atividades de aventura e como você compartilha essa informação com os alunos.
4. Fale sobre a sua percepção sobre o mercado de trabalho inerente às atividades de aventura e os profissionais de Educação física.
5. Fale sobre os desafios que você enfrenta ao trabalhar com temas inerentes às atividades de aventura.
6. Fale sobre sua abordagem para tratar as tendências mercadológicas quando ensina os conteúdos inerentes às atividades de aventura.
7. Fale sobre a sua abordagem quando leciona o conteúdo lazer e as atividades de aventura.
8. Fale sobre a sua estratégia para se manter atualizado sobre os assuntos inerentes às atividades de aventura.

GUIA DE ENTREVISTA PARA O GESTOR

Nome do Entrevistado:

Cargo:

Data de entrada no exercício das atividades laborais:

Local da entrevista:

Data da entrevista:

1. Fale da sua trajetória de formação.
2. Fale da sua trajetória profissional.
3. Fale sobre quais atividades são desenvolvidas em sua empresa.
4. Fale sobre o tipo de profissional que se encaixa no modelo de sua empresa para atuar no âmbito das Atividades de Aventura?
5. Fale sobre a sua experiência em contratar profissionais de Educação física para trabalhar com atividades de aventura em sua empresa.
6. Fale sobre o que você pensa sobre a preparação na formação acadêmica em Educação Física é importante para atuar no âmbito das atividades de aventura.
7. Fale quais sugestões você teria no intuito de qualificar o profissional de Educação Física para atuar no mercado das atividades de aventura.
8. Fale sobre os profissionais de Educação Física que atuam no âmbito das atividades de aventura.
9. Fale sobre o mercado das atividades de aventura e os profissionais de Educação Física.

ANEXOS

A – CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Belo Horizonte, ____ de _____, 2019.

Prezado(a) (NOME DO PARTICIPANTE)

O Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais visa formar mestres e doutores em Estudos do Lazer por meio de pesquisas nessa área de conhecimento.

Doravante, apresentamos o mestrando Marlon Teodoro Silva, que está no processo de construção do projeto de mestrado intitulado: **AS ATIVIDADES DE AVENTURA E OS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NESSE CAMPO SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E DOS GESTORES EM BELO HORIZONTE**, no referido Programa sob a orientação da professora Doutora Ana Cláudia Porfírio Couto.

O projeto de estudo tem como objetivo investigar as aproximações e os distanciamentos existentes entre as instituições de ensino superior e o mercado de trabalho inerente às Atividades de Aventura em Belo Horizonte. Para isso pretende-se entender como os professores responsáveis pelos processos de formação entendem a inserção dos profissionais de Educação Física nesse campo e saber o que os gestores entendem como perfil profissional ideal para atuar no âmbito das atividades de aventura.

Solicitamos então a autorização para realizar a pesquisa que acontecerá, nesta fase, por meio de uma entrevista. Todos os envolvidos serão consultados previamente sobre a possibilidade da participação na pesquisa que será realizada de maneira voluntária. Vale a pena ressaltar que o anonimato será garantido por meio da substituição por nomes fictícios e omissão do nome das instituições/empresas colaboradoras.

Desde já agradecemos a participação e colaboração nessa pesquisa, pois a sua colaboração permitirá desenvolver avanços no campo do lazer. Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

Ana Cláudia Porfírio Couto
Orientadora

Marlon Teodoro Silva
Mestrando

B – TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu (NOME DO PARTICIPANTE), (FUNÇÃO), vinculado (NOME DA INSTITUIÇÃO OU EMPRESA), situado na (ENDEREÇO COMPLETO) recebi a carta de apresentação da pesquisa: **AS ATIVIDADES DE AVENTURA E OS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NESSE CAMPO SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E DOS GESTORES EM BELO HORIZONTE.** Tal documento, além de esclarecer os objetivos propostos, faz um convite para que eu participe de maneira voluntária nessa fase do projeto na qualidade de entrevistado.

Tenho conhecimento de que colaborarei com uma pesquisa vinculada ao curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada: **AS ATIVIDADES DE AVENTURA E OS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NESSE CAMPO SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E DOS GESTORES EM BELO HORIZONTE.**

Fui informado sobre a realização da pesquisa proposta pelo mestrando Marlon Teodoro Silva e pela orientadora professora Doutora Ana Cláudia Porfírio Couto. Posso entrar em contato para obter maiores informações ou esclarecimentos por meio do endereço eletrônico: teodoroufmg@yahoo.com.br ou pelo telefone: (31) 9 9526-2702.

Por meio desta anuência institucional, declaro que fui informado(a) sobre os objetivos da presente pesquisa e autorizo a minha participação voluntária no estudo: **AS ATIVIDADES DE AVENTURA E OS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NESSE CAMPO SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E DOS GESTORES EM BELO HORIZONTE.**

Belo Horizonte, _____ de _____, 2019.

Assinatura do participante

Marlon Teodoro Silva
Mestrando em Estudos do Lazer

Ana Cláudia Porfírio Couto
Orientadora da Pesquisa

C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: **AS ATIVIDADES DE AVENTURA E OS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NESSE CAMPO SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E DOS GESTORES EM BELO HORIZONTE**, coordenada pela professora Doutora Ana Cláudia Porfírio Couto, contando com a participação do mestrando Marlon Teodoro Silva.

O estudo tem como objetivo investigar as aproximações e os distanciamentos existentes entre as instituições de ensino superior e o mercado de trabalho inerente às atividades de aventura em Belo Horizonte. Para isso pretende-se entender como os professores responsáveis pelos processos de formação entendem a inserção dos profissionais de Educação Física nas atividades de aventura e saber o que os gestores entendem como perfil profissional ideal para atuar no âmbito das atividades de aventura.

Nesta fase, a pesquisa consiste em utilizar entrevistas semiestruturadas que serão gravadas por meio de um gravador eletrônico, transcritas e analisadas como fonte de informações. Será utilizado o diário de pesquisa como ferramenta para registrar algumas impressões durante a entrevista. Os entrevistados serão identificados apenas por um nome fictício escolhido pela equipe de pesquisadores e suas identidades serão mantidas em anonimato. Os responsáveis pela pesquisa garantirão sigilo absoluto no tratamento das informações que serão disponibilizadas somente para os envolvidos nesse projeto. Ressaltamos ainda que os dados coletados serão mantidos no Laboratório de Pesquisa GESPEL - Grupo de Estudos em Sociologia, Pedagogia do Esporte e Lazer da UFMG por um período de 05 anos. As entrevistas serão realizadas pessoalmente, sendo que o mestrando responsável pela pesquisa irá ao encontro do voluntário em seu local de trabalho. Esclarecemos que todas as despesas inerentes a este estudo serão de responsabilidade do mestrando extinguindo assim a possibilidade de remunerar os participantes voluntários.

Rubrica: _____

Em se tratando da intervenção nas Instituições de ensino superior, os entrevistados deverão ser professores que atuam nos cursos presenciais de Educação Física. Além disso, eles deverão ser os responsáveis pelos conteúdos das disciplinas no semestre correspondente ao período da coleta. No caso das coletas a serem realizadas nas empresas, o critério de seleção para escolher o entrevistado será o cargo de maior poder hierárquico no âmbito da gestão de pessoas.

Vários procedimentos serão utilizados no intuito de minimizar os riscos da pesquisa e garantir a ética durante a coleta de dados. Garantimos o cumprimento das disposições estabelecidas neste documento e para tal, o voluntário receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE assinada pelos pesquisadores responsáveis.

Uma das contribuições desta pesquisa relaciona-se com a produção de uma fonte de consulta para professores, gestores ou profissionais de Educação Física que queiram trabalhar com essa temática. Além disso, em certa medida, ele pretende atender demandas de quaisquer pessoas interessadas em estudar perspectivas sobre processos de formação e atuação profissional no âmbito das Atividades de Aventura.

Como possível risco oriundo dessa pesquisa, destacam-se as perguntas propostas no roteiro de entrevistas que, dependendo da situação, podem ser mal interpretadas. Existe a possibilidade de surgirem situações indesejáveis como constrangimento, desconforto, perturbação laboral e intimidação. Todavia, prestaremos assistência integral aos sujeitos que, por algum motivo, sejam acometidos por essas situações. Assumimos o dever de tornar público o resultado deste estudo e reiteramos nossa disponibilidade na prestação de esclarecimentos em qualquer etapa da pesquisa. Asseguramos total liberdade aos voluntários que poderão se recusar a participar ou mesmo retirar seu consentimento sem qualquer tipo de ônus para ambas as partes envolvidas (pesquisado e pesquisadores).

Rubrica: _____

Disponibilizamo-nos através do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, GESPEL, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte/MG, ou por meio do endereço eletrônico: teodoroufmg@yahoo.com.br ou pelo telefone: (31) 9 9526-2702.

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o COEP- UFMG, através do telefone (31) 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º Andar – sala 2005 – Campus Pampulha – Belo Horizonte – MG – CEP: 31270-901.

Caso tenha entendido a proposta da pesquisa e concorda em ser voluntário, favor assinar o protocolo abaixo dando o seu consentimento formal.

Desde já, agradecemos pela compreensão e voluntariedade.

Belo Horizonte, _____ de _____ 2019.

Marlon Teodoro Silva
Mestrando em Estudos do Lazer

Ana Cláudia Porfírio Couto
Orientadora da Pesquisa

Assinatura do participante

Via do Voluntário

Eu, (NOME DO PARTICIPANTE), portador do CPF _____ e RG _____, aceito participar da pesquisa intitulada: **AS ATIVIDADES DE AVENTURA E OS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NESSE CAMPO SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E DOS GESTORES EM BELO HORIZONTE.**

Ciente das informações e esclarecimentos prestados na folha 1, 2 e 3, livremente dou meu consentimento para que a entrevista seja gravada e registrada para fins deste estudo.

Belo Horizonte, _____ de _____ 2019.

Assinatura do voluntário

Via do arquivo

Eu, (NOME DO PARTICIPANTE), portador do CPF _____ e RG _____, aceito participar da pesquisa intitulada: **AS ATIVIDADES DE AVENTURA E OS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NESSE CAMPO SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E DOS GESTORES EM BELO HORIZONTE.**

Ciente das informações e esclarecimentos prestados na folha 1, 2 e 3, livremente dou meu consentimento para que a entrevista seja gravada e registrada para fins deste estudo.

Belo Horizonte, _____ de _____ 2019.

Assinatura do voluntário